

Planeamento do Circuito Selva-Praia de Ecoturismo nas Regiões de Gaza e Inhambane

Fevereiro de 2004



This document was completed through the assistance of the United States Agency for International Development (USAID). The views expressed and opinions contained in this report are those of the author and are not intended as statements of policy of USAID, the Government of the Republic of Mozambique or DAI Brasil.

“Viajando sozinhos, chegamos mais rápido.
Viajando juntos, chegamos mais longe.”

SUMÁRIO EXECUTIVO

O conceito de roteiros ecoturísticos ligando a selva à praia foi inicialmente introduzido durante o Plano Integrado de Desenvolvimento do Turismo (ITDP, KPMG 2002) do Parque Transfronteira do Grande Limpopo (GLTP), originalmente utilizando o termo em inglês “*Bush-Beach*”. O conceito visa estabelecer uma ligação entre os mais importantes atrativos ecoturísticos da sub-região do Grande Limpopo: o Parque Nacional de Kruger, na África do Sul e a inexplorada região costeira de Moçambique.

O objetivo estratégico da iniciativa é expandir o turismo na região do Grande Limpopo como um mecanismo de desenvolvimento sócio-econômico e diminuição da pobreza, através de investimentos e geração de empregos. Alavancando-se a partir da imagem estabelecida do GLTP¹ e dos arredores da Área de Conservação Transfronteira (TFCA), a iniciativa espera atrair investimentos públicos e privados para uma vasta gama de produtos turísticos e atividades comerciais relacionadas.

O Ministério do Turismo de Moçambique tem demonstrado especial interesse pelo desenvolvimento do Circuito Selva-Praia, conforme consta da Política Nacional do Turismo, principalmente, como forma de expandir as oportunidades econômicas nas províncias de Gaza e Inhambane onde se encontra a Área de Conservação Transfronteira do Grande Limpopo.

Estrutura do Projeto

Com duração de cerca de 1 mês, o presente projeto buscou fazer uma avaliação *in loco* dos atrativos ecoturísticos inseridos no Circuito Selva-Praia para fins de avaliação da sua viabilidade econômica. Associando o trabalho de campo ao contexto do turismo atual em Moçambique, levou-se a cabo uma análise da indústria do ecoturismo no país e no mundo. Dessa forma, o projeto encontra-se dividido em 3 partes, quais sejam:

1) Análise da Indústria do Ecoturismo

O ecoturismo é uma indústria em expansão, com clientes apresentando demandas específicas por segmento e alto grau de informação, existindo concorrentes regionais e internacionais já consagrados.

Fatores-chave de sucesso da indústria do ecoturismo:

- Atrativos transformados em produtos;
- Infra-estrutura de acesso;
- Gestão de padrão internacional.

Indústria do Turismo em Moçambique

- Indústria de turismo mundial é expressiva e em crescimento.
- Moçambique tem mínima fatia do turismo internacional, mas o setor é estratégico para a economia.
- Turistas regionais constituem o principal mercado no turismo moçambicano.

Demanda por Ecoturismo

- O ecoturismo não é apenas uma estratégia de marketing; é um setor da indústria.
- Demanda é expressiva e muito segmentada, principalmente em termos do grau de dedicação e da nacionalidade.

¹ O GLTP foi designado com uma iniciativa do NEPAD - *New Partnership for Africa's Development* - durante a 2ª. Encontro da União Africana, figurou como tema de apresentação no 10º. Congresso de Parques Mundiais e como capa das revistas *National Geographic* e *Africa Geographic*.

Cadeia do Ecoturismo

- Cadeia complexa, envolvendo vários elos: agências, operadoras, transportadoras, provedores de serviços locais. Destaque para o importante papel da média.
- Agentes econômicos locais tendem a capturar baixo percentual do valor agregado total.

Oferta de Ecoturismo

- Existe forte concorrência regional e internacional.
- Casos de sucesso internacional indicam lições que devem ser consideradas no caso do Circuito Selva-Praia.

Fatores-chave de compra em Moçambique

- Principal fator de decisão do ecoturista é a existência de atrativo natural diferenciado.
- Outros fatores incluem diversidade biológica, informação, infra-estrutura e conservação.

2) Avaliação do Circuito Selva-Praia

- Foi realizado um trabalho de campo de 8 dias percorrendo o Circuito Selva-Praia.
- Foram identificados atrativos de nível internacional, regional e doméstico e classificados de acordo com seu público-alvo.
- Foram identificados roteiros viáveis no Circuito Selva-Praia, atendendo a segmentos distintos e a condições de logística.
- O setor privado já manifesta intenção de investimentos no circuito.
- Será necessária coordenação entre os diversos Ministérios e os diferentes níveis da administração pública para implementar o circuito.

3) Análise Econômica

- Ao final do 5o. ano de investimentos, estima-se que:
 - a demanda será de 40 a 100 mil visitantes
 - a receita total será de cerca de US\$ 27 milhões
 - o total de empregos gerados entre 7 e 16 mil diretos e indiretos
- Será necessário incentivar a participação do setor privado para operar o roteiro e construir acomodações.
- Será necessário plano de investimentos públicos consistentes, principalmente em infra-estrutura e conservação ambiental.

Recomendações: Potenciais Rotas e Principais Barreiras ao Circuito Selva Praia

- Curto Prazo: “Beach thru Bush”
 - Condição prioritária: Operadores interessados
- Médio Prazo: “Beach and Bush”
 - Condição prioritária: Estrada Pafuri-Mapinhane, Plano de Uso Turístico e Acomodações
- Longo Prazo: “Bush and Beach”
 - Condição prioritária: Infra-estrutura, aeroportos

Índice

Índice	1
Capítulo 1 - Antecedentes.....	2
Capítulo 2 - O turismo como instrumento de desenvolvimento econômico.....	3
2.1 - A economia de Moçambique.....	3
2.2 - Importância econômica do turismo	4
2.3 - Actual situação do turismo em Moçambique	5
Capítulo 3 - A indústria do ecoturismo.....	7
3.1 - Definição e fatores críticos	7
3.2 - Demanda de Ecoturismo.....	9
3.3 - Oferta de Ecoturismo	10
3.4 - Cadeia de Ecoturismo	11
3.5 - Principais lições internacionais	12
Capítulo 4 - Circuito Selva-Praia.....	15
4.1 - Província de Gaza	15
4.2 - Província de Inhambane	16
4.3 - Trabalho em campo.....	16
4.4 – Análise SWOT do Circuito Selva-Praia.....	17
4.5 - Fatores Chave de Compra do Ecoturismo no Circuito Selva-Praia.....	18
Capítulo 5 - Análise dos Pontos Nodulares	23
Capítulo 6 – Análise Econômica do Circuito Selva-Praia.....	29
6.1 - Demanda de ecoturistas	29
6.2 - Receita econômica	30
6.3 – Distribuição da receita e empregos gerados	30
Capítulo 7 - Potenciais Rotas e Principais Barreiras ao Circuito Selva Praia	32
Capítulo 8 - Comentário Final	34
Anexo 1 – Exemplos Internacionais das Principais Lições	35
Anexo 2 – Exemplo de operadora de turismo atuando na Zona Selvagem de Moçambique	38

Capítulo 1 - Antecedentes

O conceito de roteiros ecoturísticos ligando a selva à praia foi inicialmente introduzido durante o Plano Integrado de Desenvolvimento do Turismo (ITDP, KPMG 2002) do Parque do Grande Limpopo (GLTP). O conceito visa principalmente estabelecer uma ligação entre os mais importantes atrativos ecoturísticos da região do Grande Limpopo, a partir do Parque Nacional de Kruger, na África do Sul até a região costeira de Moçambique.

Em linha com o Plano Estratégico Nacional para o Turismo de Moçambique, o objetivo da iniciativa é expandir o turismo nas regiões de Gaza e Inhambane, como forma de aumentar as oportunidades econômicas nessas províncias. Fomentando investimentos e criando novos empregos, o turismo servirá como indutor de desenvolvimento econômico e social.

O momento é propício para a iniciativa, uma vez que a imagem consolidada do Parque do Grande Limpopo Transfronteira vem ganhando espaço na média internacional e começa a despertar o interesse de investidores públicos e privados.

Buscando focar os roteiros Selva-Praia nos atrativos com maior potencial para o ecoturismo, 10 pontos nodulares foram previamente identificados como centros de fomento do turismo. Estes pontos servirão de centros locais de desenvolvimento, podendo mais tarde albergar novos produtos e serviços. Abaixo listamos os pontos nodulares, os quais foram visitados durante o trabalho de campo:

- Parque Nacional de Limpopo (Barragem de Massingir)
- Mapai (proximidades do Rio Limpopo)
- Parque Nacional de Banhine
- Lago Banamana
- Parque Nacional de Zinave
- Vilanculos
- Bazaruto
- Inhambane (Tofo e Barra)
- Xai-xai
- Bilene

Em última instância, o presente projeto propõe-se a uma consolidação das iniciativas e estudos elaborados individualmente, visando a formação de um menu de opções de roteiros para o Corredor Selva-Praia na região Sul de Moçambique.

Capítulo 2 - O turismo como instrumento de desenvolvimento econômico

2.1 - A economia de Moçambique

Moçambique está classificado no grupo de Países Menos Desenvolvidos, de acordo com a classificação das Nações Unidas (ONU). Nos anos de 1988-1990, o Banco Mundial listou o país como o mais pobre do mundo em termos de renda *per capita*. E no período de 1988-1992 foi um dos maiores receptores de ajuda internacional em termos de percentagem de seu Produto Interno Bruto (PIB).

Tendo sofrido anos de baixo crescimento e, por vezes, negativo durante a guerra, Moçambique vem mostrando sinais de recuperação desde o início da década de 90, coincidindo com o processo de paz. Embora, actualmente mantenha taxas de crescimento anual de mais de 5%, o país ainda sofre os efeitos dos prejuízos sofridos no passado e necessita de tempo e investimento para ultrapassar a pobreza e o subdesenvolvimento.

A economia de Moçambique é típica de um país em desenvolvimento, baseada em produtos primários. A agricultura constitui a base da economia moçambicana. Já chegou a contribuir com mais de 65% para o PIB do país, mas vem diminuindo sua participação para menos de 40% (1995) ao longo da última década, dando lugar aos setores industriais da economia.

Apesar dos efeitos perversos da guerra sobre o setor da indústria com o êxodo de mão-de-obra qualificada e capital, o setor vem passando por um programa de reabilitação económica. A indústria hoje está predominantemente restrita ao processamento de produtos primários, tais como madeiras e produtos agrícolas. A principal indústria é o processamento de produtos alimentares, sendo os mais importantes o açúcar, o milho e a castanha de caju. As indústrias secundárias incluem produtos químicos, bebidas, têxteis, cimento e vidro, enquanto que produtos como sisal, côco (copra), chá, madeira e algodão são localmente processados para subsequente exportação.

Embora o país tenha uma longa costa, não possui uma indústria pesqueira bem desenvolvida. As reservas sustentáveis de pesca oceânica estão calculadas em 500.000 toneladas anuais. Actualmente, apenas 25% deste nível está a ser atingido.

O país tem 1 milhão de hectares de mata comercialmente produtiva. A necessidade de combustível lenhoso é responsável por uma parte importante do consumo anual de madeira em forma de carvão. O país também conta com grandes campos de gás natural já em fase de exploração. O projecto hidrelétrico de Cahora Bassa foi reativado e atende a grande parte das necessidades de energia de Moçambique. Também a exploração de petróleo vem ganhando força com a concessão e 80.000 km² para perfuração *off-shore*.

Em ritmo de retomada também se encontra o setor de turismo. Famoso destino turístico na década de 70, Moçambique chegou a receber 200 mil turistas em 1973 atraídos pelas férias cheias de sol e repousantes fins de semana na então Lourenço Marques, atual Maputo. Actualmente o turismo corresponde apenas a 1,2% do PIB nacional², bem abaixo da média mundial de 10%. Mas, se encarado como um “recurso natural” renovável e sustentável e sendo objeto de correta gestão, o turismo pode representar um valor a longo prazo maior do que muitos setores tradicionais da economia.

² Ministério do Plano e Finanças

2.2 - Importância econômica do turismo

O turismo é, na actualidade, a atividade que apresenta os mais elevados índices de crescimento no contexto econômico mundial. No período 1995-2002, estimou-se um crescimento médio anual da ordem de 3%. Representa o maior fenômeno comercial do período pós-guerra e é, reconhecidamente, uma atividade econômica auto-sustentável capaz de gerar inúmeros benefícios nas localidades onde se desenvolve de forma ordenada.

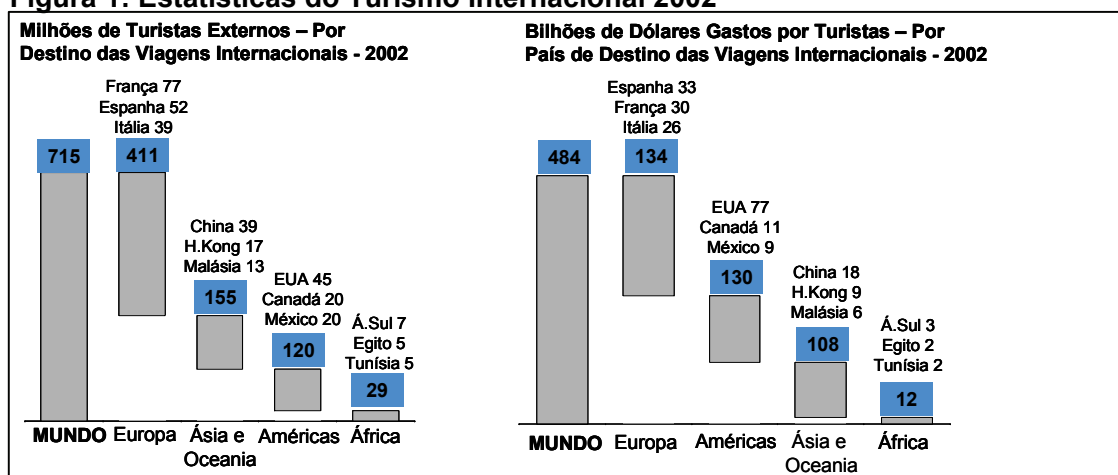
O setor de viagens e turismo tem um faturamento mundial que corresponde a 10% do PIB Mundial. É responsável pela geração de 204 milhões de empregos e mantém um alto índice de crescimento. A indústria de viagens e turismo já responde por 13% dos gastos dos consumidores em todo o mundo, só perdendo para os gastos com alimentação.³

O turismo é considerado a maior indústria mundial, agregando mercados internacional e doméstico de cada país. A maior parte deste impacto é gerada pelos movimentos de turismo interno, mas devido às dificuldades de sua mensuração, os dados de turistas externos ainda são a principal fonte de dados do setor e servem de guia para a determinação dos países mais bem-sucedidos na atividade.

O turismo internacional (isto é, movimento de pessoas entre diferentes países) envolveu 715 milhões de pessoas e US\$ 484 bilhões em 2002, segundo medições da WTO. Como pode ser observado na Figura 1, o continente europeu representa o principal destino dos viajantes internacionais, destacando-se em especial a França, a Espanha e a Itália. Dentre os demais continentes, EUA e China também recebem milhões de turistas externos e completam o grupo dos cinco principais países atuantes no setor. A geração de divisas é liderada pelo turismo norte-americano, denotando a expressiva capacidade do setor deste país em oferecer diversas opções e captar recursos de turistas. Ainda assim, o continente europeu, em conjunto, mantém a posição de maior recebedor tanto de divisas como de turistas externos.

Apesar do potencial natural e histórico, os países africanos ainda são pouco atrativos quando comparados a outros continentes, provavelmente devido à falta de infra-estrutura, às guerras civis e à própria pobreza que inibe o movimento de turistas de outros continentes e de outros países africanos.

Figura 1: Estatísticas do Turismo Internacional 2002



Fonte: World Tourism Organization (www.wto.org).

³ Fonte: World Travel & Tourism Council (WTTC),

O turismo, pela natureza de suas atividades e pela dinâmica de crescimento dos últimos dez anos e de acordo com as previsões para a próxima década, é o segmento da economia que pode atender de forma mais completa e de maneira mais rápida aos desafios do desenvolvimento econômico, principalmente no que se refere ao *triple bottom line*: geração de renda, inclusão social e preservação do meio ambiente.

O setor de Turismo surge, nesse cenário de recuperação econômica, como uma opção factível e sustentável de geração de emprego e renda para a população moçambicana. O potencial de um país com 2,8 mil quilômetros de costa aliada a refúgios de vida selvagem tornam Moçambique um destino perfeito para os visitantes em busca de um safári na África combinado com um descanso em praias de beleza intocada.

O turismo em Moçambique, certamente, contribuirá para promover a geração de empregos e renda, a diminuição das desigualdades sociais, o desenvolvimento sustentável de áreas com destacado patrimônio ambiental e cultural, e servirá de instrumento para inserção competitiva de Moçambique no panorama internacional. Os benefícios que o turismo pode oferecer em prol do desenvolvimento integrado dos diversos setores da economia nas localidades receptoras são tão intensos que já existem países cuja principal atividade é pautada neste setor, como Costa Rica, Seichelles e Maurícius.

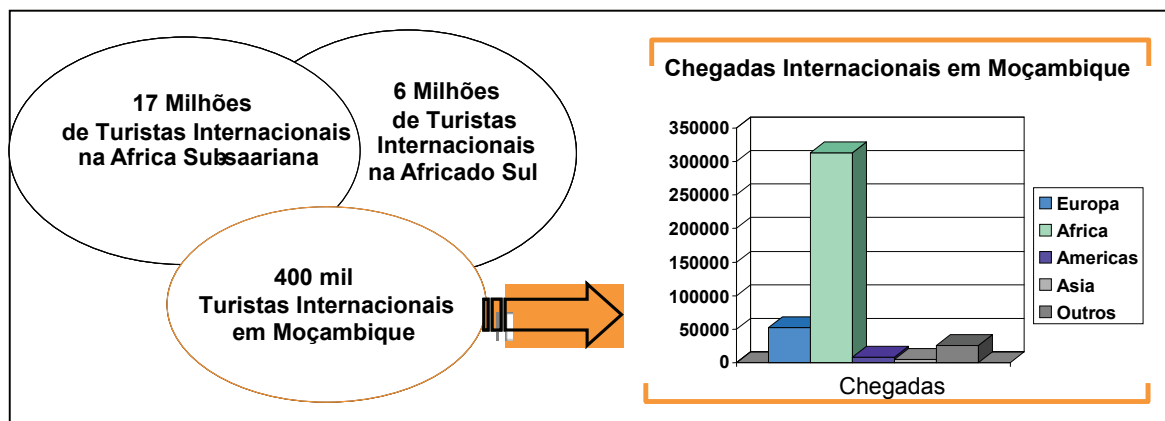
2.3 - Actual situação do turismo em Moçambique

Apesar do inegável potencial, o turismo em Moçambique ainda se encontra em seus primeiros estágios. Um volume razoável de investimentos públicos e privados serão necessários antes que sejam percebidos os efeitos econômicos positivos e duradouros do turismo no país.

Em 2001, os turistas internacionais com destino a Moçambique representaram 2,3% do total de turistas que visitaram a África Sub-sahariana. A África do Sul tem sido o país mais visitado, tendo atraído 35% dos turistas em 2001 conforme ilustra a Figura 2.

A previsão da WTTC para o número de empregos gerados pelo setor de Turismo e Viagem na região da África Sub-sahariana é de cerca de 7,5% do total de postos de trabalho, com um crescimento anual de 3,45 ao longo da próxima década. O volume de investimentos em Viagem e Turismo em 1999 foi estimado em US\$ 51 bilhões, correspondente a 11,7% do total de investimentos feitos na África Sub-sahariana naquele ano. A previsão é um crescimento anual acima dos 5% para a próxima década.

Figura 2: Turismo Internacional e Moçambique



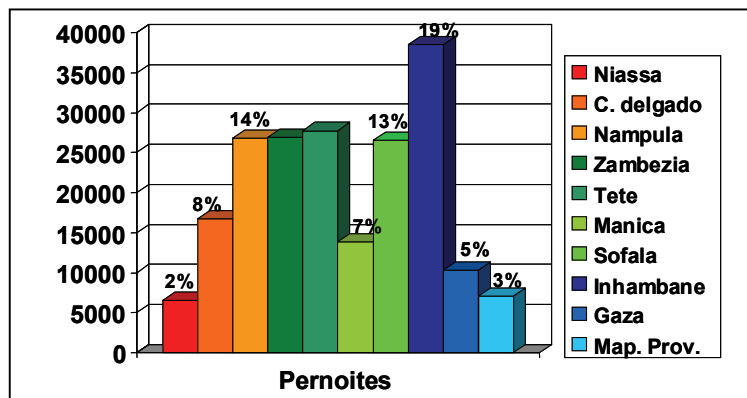
Fonte: WTO, MITUR/Moçambique, Análise DAIBrasil

O setor turístico actual de Moçambique tem características muito específicas:

- Estrutura pouco diversificada, conforme indicado no gráfico da Figura 2. Em 2001, cerca de 2/3 dos turistas eram sul-africanos; 8% portugueses e 5% da Suazilândia.
- Está concentrado em áreas. A maior parte das estâncias turísticas encontra-se no sul do país, e com exceção de algumas reservas naturais está localizada na zona costeira;
- Investidores estrangeiros são maioria. A maior parte dos investidores do setor turístico é formada por sul-africanos;
- Falta de regras claras. A falta de directivas acarreta burocracia e gera incertezas nos empreendedores do setor;
- Forte dependência da importação. Devido à fraca produção nacional, é necessário importar grande parte dos bens e equipamentos o que torna Moçambique um destino caro e incentiva o turista a trazer diversos produtos de casa para evitar comprá-los no destino.

Em 2001 Moçambique contou com 500 mil pernoites. Maputo foi o destino de 60% dos visitantes e a grande maioria veio a trabalho. Os 40% restantes estão distribuídos da seguinte forma, com destaque para Inhambane com 19% dos pernoites.

Figura 3: Pernoites em Moçambique por Província (2001)



Fonte: Ministério do Turismo de Moçambique

Capítulo 3 - A indústria do ecoturismo

O capítulo busca situar o conceito de ecoturismo dentro da indústria do turismo como um todo. Promove inicialmente uma discussão sobre sua definição, tipos de segmentação e os fatores chave da indústria, evoluindo para uma descrição dos clientes de ecoturismo, a integração na cadeia e as lições dos principais pólos ecoturísticos mundiais.

3.1 - Definição e fatores críticos

Definição de Ecoturismo

O turismo ecológico é um segmento da estratificada indústria de turismo, a qual pode ser classificada como:

- turismo de lazer**, contemplando, dentre outros, o turismo histórico-cultural, o turismo esportivo, o turismo gastronômico, o turismo esotérico-religioso e o **turismo ecológico (ecoturismo)**, foco do presente trabalho;
- turismo de negócios** e convenções
- turismo por visitas familiares**;
- turismo de intercâmbio educacional**;
- turismo de saúde** (operações, consultas, exames).

A definição de ecoturismo apresenta algumas divergências. Pode ser expresso de **forma ampla** classificando como ecoturismo todo o tipo de observação e contato com a natureza. Alguns órgãos reguladores e universidades, por outro lado, tratam a atividade de **forma mais restrita**, vinculando-a obrigatoriamente às práticas de conservação ambiental e ao envolvimento local. Este é o caso das definições citadas no *box* a seguir.

"...um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas."

Ministérios do Meio Ambiente e do Turismo/EMBRATUR, 1994 (considerada a definição oficial brasileira)

*"Ecoturismo refere-se à progressiva e responsável viagem que conserva o meio ambiente e beneficia as comunidades locais. Ecoturismo envolve não somente observação, mas também informação, interação e participação responsável. O verdadeiro ecoturismo envolve: **promoção da ética ambiental; experiência efetiva com a natureza e vida selvagem e benefícios para o meio ambiente e para as comunidades locais.**"*

Wesche, 1995 in Salvati, 2001

"Ecoturismo refere-se a viagens responsáveis para áreas naturais onde há políticas de conservação do meio-ambiente e benefícios sustentáveis para as comunidades locais."

The International Ecotourism Society – TIES, considerada a principal organização não-governamental do setor

Fontes: "Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo", Ministérios do Meio Ambiente e do Turismo / EMBRATUR, 1994; "Ecoturismo: Conceitos e Princípios", Sérgio Salazar Salvati, 2001; website da TIES (www.ecotourism.org).

No entanto, dada a subjetividade destes aspectos, as principais estatísticas e estudos tratam a indústria de ecoturismo de uma forma mais ampla, como a indústria das atividades de visitação e contemplação ecológicas. Nesta forma mais ampla, estima-se a existência de mais de **150 milhões de ecoturistas** no mundo (algumas estimativas

atingem 300 milhões), crescendo a uma taxa estimada de 10% a.a.⁴, bem acima da taxa de crescimento da indústria de turismo como um todo (3%).

Apesar das especificidades do turismo ligado à natureza. **Poucos países têm reconhecido o ecoturismo como um setor separado da economia.** O mais freqüente é rotularem o ecoturismo apenas como uma simples estratégia de marketing diferenciada, visando aumentar o número total de visitantes a um país. Felizmente, essa situação vem mudando gradativamente à medida que mais países percebem o potencial do ecoturismo como um setor separado da indústria do turismo em massa e que, portanto, precisa políticas e regras próprias.

Segmentação de Ecoturistas

O ecoturista pode ser segmentado de diversas formas, conforme exemplificam os critérios a seguir:

- Dedicação:** generalistas (casuais) x especialistas (dedicados a uma atividade);
- Origem:** nacionais x internacionais;
- Atividades:** aéreas (balão, vôo livre, pára-quedas), aquáticas (canoagem, mergulho, pesca, *rafting*), terrestres (camping, *trekking*, *hiking*, ciclismo, escalada, montanhismo), observação (animais, astronômicas, arqueológicas);
- Perfil psicográfico:** naturistas, escapistas, ambientalistas;
- Demografia:** idade, sexo, nível de renda, educação.

Para um pólo de ecoturismo, os critérios críticos de segmentação envolvem um diagrama classificando as preferências dos ecoturistas de acordo com seu grau de especialização (dedicados ou casuais) e sua origem (internacional ou nacional). As principais especificidades são descritas na Tabela 1.

Tabela 1: Segmentação de Ecoturistas

Critério	Segmento	Descrição
GRAU DE DEDICAÇÃO	ESPECIALISTAS	<input type="checkbox"/> Experimentam atividades e locais que, depois, são adotados pelos generalistas <input type="checkbox"/> Preferem acomodações mais íntimas e sossegadas <input type="checkbox"/> Interesse por atividades ao ar livre <input type="checkbox"/> Mais propensos a viagens ao exterior e menos sensíveis ao preço
	GENERALISTAS	<input type="checkbox"/> Preferem atividades múltiplas na mesma viagem <input type="checkbox"/> Acomodações convencionais, nível médio de luxo <input type="checkbox"/> Interesse por actividades culturais
PADRÃO DE ORIGEM	INTERNACIONAL *	<input type="checkbox"/> Maiores gastos por viagem e estadias mais longas <input type="checkbox"/> Mais exigentes, com maior experiência internacional <input type="checkbox"/> Necessidade de superar a barreira do Brasil ser país pouco preparado
	NACIONAL	<input type="checkbox"/> Mais sensíveis ao preço e com estadias mais curtas <input type="checkbox"/> Menores barreiras lingüísticas e culturais

* Não obrigatoriamente estrangeiros (podem incluir turistas domésticos que tenham a opção de viajar para o exterior).

⁴ Lindberg, 1991

Fatores-chave de compra

Conforme visto anteriormente, o quadro geral de ecoturistas domésticos e internacionais forma um público numeroso e mais sofisticado que o turista médio. **Os fatores-chave de compra** partem da existência de **atrativos naturais** como condição necessária, sendo ainda decisivas a **diversidade biológica** (ecossistemas ricos), as **práticas de conservação** (do meio-ambiente e da cultura locais), uma **infra-estrutura adequada** (meios de transporte, hospedagem, alimentação, saúde) e a **informação qualificada** (guias e outros profissionais com conhecimento do local e de línguas internacionais).

O grau de dedicação do ecoturista determina a importância relativa de cada fator, sendo o atrativo natural o fator destacadamente fundamental para um ecoturista especialista (por exemplo, um observador de aves poderá priorizar locais precários desde que apresentem animais raros). No próximo capítulo será feita uma análise do potencial ecoturístico moçambicano com base no arcabouço dos fatores chave de compra, mostrando que o ecoturismo no país está amplamente baseado nos atrativos naturais e na rica biodiversidade, havendo falta de estrutura nos demais pontos.

Fatores de sucesso da indústria de ecoturismo

Diferentemente dos fatores chave de compra que são aqueles que despertam no turista a vontade de conhecer um destino, os fatores chave de sucesso são aqueles mantêm a sustentabilidade de um local como destino turístico

O ecoturismo é uma indústria em expansão, com clientes apresentando demandas específicas por segmento e alto grau de informação, existindo concorrentes locais e internacionais já consagrados. A construção de um pólo ecoturístico deve representar a formação de um promotor de desenvolvimento local com preservação cultural e ambiental. Neste contexto, com base nas principais experiências nacionais e internacionais, os fatores-chave de sucesso para o desenvolvimento de pólos são:

- Existência de atrativos naturais transformados em produtos através de investimentos consistentes;

Gestão de padrão internacional para garantir a sustentabilidade, com alavancagem de investimento privado, otimização entre colaboração e competição dos agentes e desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental.

3.2 - Demanda de Ecoturismo

Países Emissores

A nível internacional, os principais **países emissores** de ecoturistas são os grandes **países europeus ocidentais e os Estados Unidos**. O perfil geral destes visitantes por nacionalidade (segundo a WTO) permite concluir que o ecoturista tende a ser um **indivíduo de maiores níveis de renda e de escolaridade**, mesmo considerando-se o alto padrão médio dos habitantes destes países, compondo-se um visitante bastante sofisticado para a média da população mundial.

a) Ecoturistas franceses

- Maioria de alto nível de renda, 55% mulheres, idade média 35-50 anos;
- Motivações: descobrir fauna, flora e outras culturas;

- Destinos mais visitados: Europa (Escandinávia, Irlanda, Áustria), África (11%), América do Sul (9%) e Ásia (8%);
- Forte interesse pela cultura local associada à natureza.

b) Ecoturistas ingleses

- Maioria de alto nível de renda, leve predominância de mulheres, idade média acima de 35 anos;
- Estadia média de 8 a 21 dias (fora da Europa) e 3 a 14 dias (na Europa).

c) Ecoturistas espanhóis

- 5-6% do turismo emissor é de ecoturismo;
- Predominância de mulheres e jovens (20 a 39 anos);
- Destinos mais comuns são América Latina (Guatemala, Peru), África (Namíbia, Tanzânia, Botswana), Europa (Escandinávia) e Ásia (Nepal, Índia);
- Estadia de 2 a 3 semanas fora do país;
- Atividades mais populares: observação de fauna, *trekking*, visitas a áreas protegidas.

d) Ecoturistas norte-americanos

- 4% do turismo emissor é de ecoturismo;
- Estadia média de 12 dias;
- Destinos preferidos: Quênia, Belize, Nova Zelândia, Costa Rica, África do Sul, Peru, Austrália;
- 60% casais, 15% famílias, 50% homens, 82% com curso superior.

3.3 - Oferta de Ecoturismo

Pólos

Existe uma elevada oferta de pólos já consagrados, tornando a indústria altamente competitiva. As principais ofertas de ecoturismo estão distribuídas principalmente em **países nas Américas e na África**. Os principais países e os destinos mais famosos são (por ordem alfabética):

- África do Sul** - No período de 1986 a 1998, o número de turistas em safáris por reservas naturais na África do Sul cresceu 108% anualmente, passando de cerca de 450 mil para quase 6 milhões.
- Austrália** - somente a Barreira dos Grandes Corais gera US\$ 600 milhões/ano;
- Belize** – turismo geral representa 25% do PIB nacional. Dentre os 250.000 turistas estrangeiros (número equivalente à população do país), metade visita os parques arqueológicos maias e 87% visitam barreiras de corais;
- Costa Rica** – um dos países líderes no desenvolvimento de práticas do setor. O ecoturismo representa cerca de 60% do turismo no país, atraindo 600.000 ecoturistas estrangeiros e faturando cerca de US\$ 600 milhões-ano, valores expressivos para uma população local de 4,2 milhões de pessoas;
- Equador** – 60.000 visitantes/ano, receitas de US\$100 milhões-ano;
- EUA** – os parques nacionais dos EUA recebem em média 270 milhões de visitantes/ano, em sua maioria locais, dada uma população de 290 milhões de pessoas;

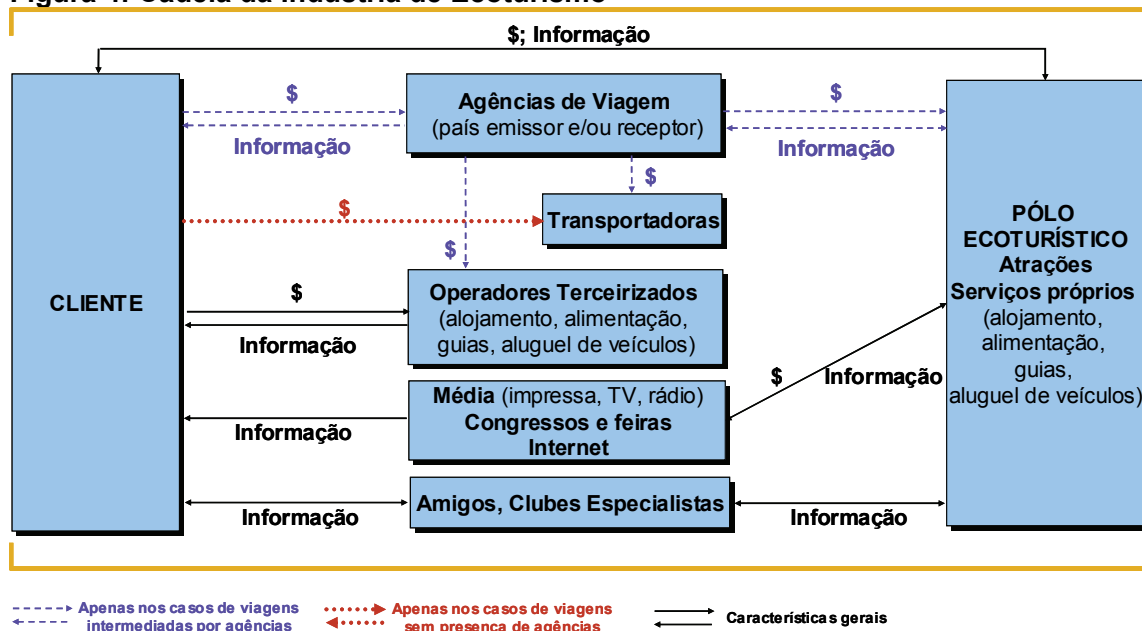
- ❑ **Nepal** – 51.000 ecoturistas/ano, especialmente para atividades de *trekking*, receitas de US\$ 100 milhões/ano;
- ❑ **Peru** - importante mercado na atividade de observação de pássaros e sítios arqueológicos (incas). Concorre diretamente com o Brasil, possuindo melhor infraestrutura, confortáveis hotéis de selva, informação organizada com bom nível de guias, além de ingressos e tarifas aéreas reduzidos;
- ❑ **Quênia** – recebe 900.000 turistas estrangeiros, sendo a maioria considerada como ecoturistas. O ecoturismo gera US\$ 400 milhões/ano;
- ❑ **Ruanda** – o Parque Nacional dos Volcans (cuja grande atração são os gorilas) gerava US\$ 1 milhão em ingressos, além de US\$ 3 milhões em outros gastos ecoturísticos, mas esta trajetória foi interrompida pela recente guerra civil;
- ❑ **Outros países** – Canadá (parques nacionais), México, Venezuela, Egito (Red Sea Coast), Indonésia, Tanzânia e Zimbábwe.

3.4 - Cadeia de Ecoturismo

A cadeia de funcionamento do ecoturismo é altamente complexa, contemplando os agentes emissivos, receptivos e transportadores, além de diversas fontes de informação. Dada a existência de vários agentes entre o pólo e o cliente final, torna-se recomendável a avaliação do papel de cada um, bem como o desenvolvimento de parcerias, uma vez que todas as etapas do processo fazem parte da experiência de compra do cliente e determinam ainda a partilha de valor da operação.

A Figura 4 ilustra o fluxo de informação e de recursos entre os diferentes agentes, havendo ainda especificidades relacionadas ao uso de agências ou à contratação de serviços por conta própria.

Figura 4: Cadeia da Indústria de Ecoturismo



Vale ressaltar o importante papel que a mídia vem desempenhando. Cada vez mais os ecoturistas vem fazendo uso da Internet para construir seus próprios pacotes turísticos personalizados. O papel da agência de viagens tem se tornado gradativamente mais

passivo com relação à montagem dos roteiros. As agência têm, em geral, entrado em cena, após o roteiro montado pelos ecoturistas com as informações disponíveis na mídia, para operacionalizar reservas (de passagens e hotéis) e logística. Pesquisa recente da Organização Mundial do Turismo (WTO) estima no curto prazo de 5 anos, **1/4 das compras de viagens internacionais será feita pela Internet.**

Como tendência geral, as pesquisas sobre a retenção de valor econômico nos elos da cadeia produtiva indicam **pequena participação das empresas e comunidades locais.** Esta concentração de valor tende a ser agravada nos países com economias pequenas e poucas empresas nacionais do setor turístico (empresas aéreas, cadeias de hotéis e restaurantes, agências locais). Dentre os estudos já realizados nesta área, merecem destaque⁵:

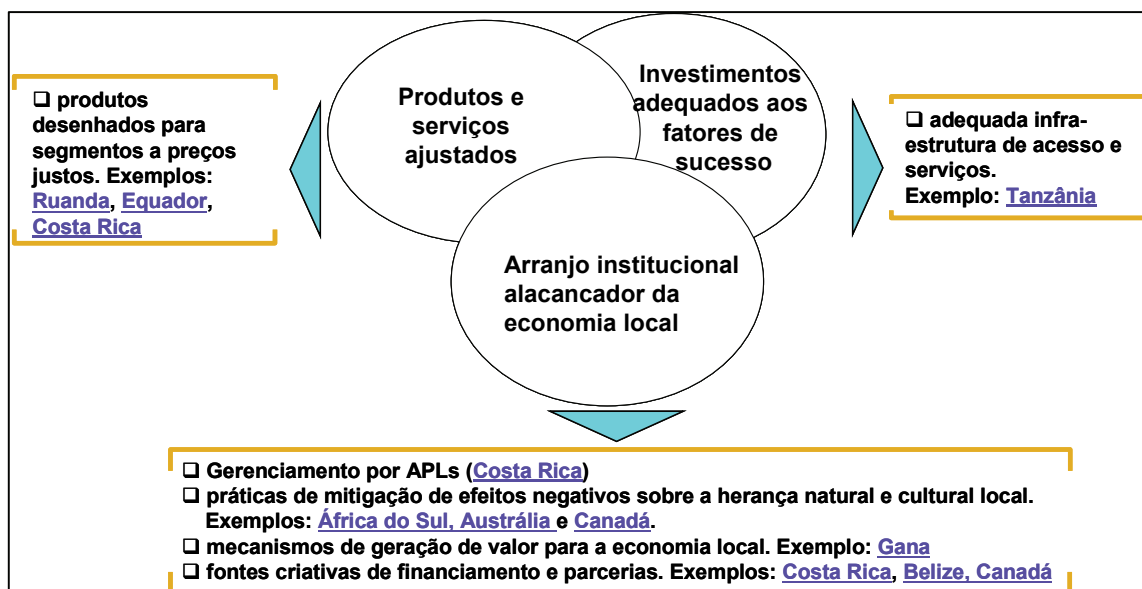
- ❑ Hwange e Mana Pools National Parks (Zimbabwe) – 65% do valor não entrava no país, ficando com linhas aéreas internacionais e agentes turísticos externos;
- ❑ Parc National des Volcans (Ruanda) – a despeito dos caros ingressos para a apreciação dos gorilas, praticamente nenhuma outra atividade era oferecida, tornando quase nula a geração de empregos e renda locais.
- ❑ Tortuguero National Park (Costa Rica) – apenas 6% da renda da cadeia é captada pelas comunidades locais;
- ❑ Galápagos National Park (Equador) – menos de 15% dos recursos são capturados localmente, boa parte dos turistas visita a ilha em pacotes de cruzeiros marítimos, utilizando poucos serviços locais e causando excesso de visitantes na ilha;

3.5 - Principais lições internacionais

As principais lições de concorrentes internacionais podem ser agrupadas em três recomendações: **desenvolver produtos ajustados aos segmentos, investir de forma consistente com os produtos e promover um arranjo institucional que estimule a economia local.** A Figura 5 abaixo ilustra estas lições e lista os principais exemplos que estão descritos no Anexo 1.

⁵ Fontes: “Economic Perspectives on Nature Tourism, Conservation and Development”, Michael P. Wells, World Bank Paper 055, 1997; “Sustainable Tourism in Protected Areas”, Paul Eagles et alli, IUCN Gland, 2002.

Figura 5: Lições de Sucesso de Pólos Internacionais



a) Produtos e serviços ajustados – os concorrentes mais bem sucedidos efetuaram ações visando aumentar o número de visitantes de forma controlada, atrair nichos de mercado especializados através de táticas diferenciadas de marketing, aumentar os gastos por visitante através da oferta de produtos e serviços adequados e do aumento do prazo de estadia, prover acomodações adequadas (tanto em termos das condições de conforto como atendimento e horários de refeições), prover guias e outros serviços ricos em informação e sediar eventos atrativos (como festivais e encontros de especialistas ou manifestações culturais locais).

A estratégia de preços é um elemento-chave, que envolve questões relacionadas aos objetivos do parque e aos públicos-alvo. Diversas estratégias de preço podem ser utilizadas, como preços sazonais, preços de concorrentes, custos marginais e preços diferenciados (por idade, nacionalidade, local de residência, profissão). De forma a reduzir a resistência do público, diversas iniciativas podem ser utilizadas, como usar a receita dos ingressos para melhoria nas instalações, efetuar pequenos aumentos constantes ao invés de grandes aumentos abruptos, prover abundante informação ao público sobre os recursos e seus usos, enfatizar as políticas de preservação em andamento e realizar pesquisas permitindo ao visitante opinar sobre a disposição de pagar por serviços adicionais.

b) Investimentos adequados aos fatores de sucesso – a oferta de adequadas infra-estruturas de acesso e serviços incluem o projeto de construções de forma cultural e ambientalmente sensível.

c) Arranjo institucional alavancador da economia local - os arranjos produtivos locais (APLs) para ecoturismo devem considerar os diferentes tipos de negócios e serviços ao longo da cadeia. Um desenho que pode servir de modelo, utilizado em empreendimentos na Costa Rica, está expresso na Figura 8.

Contrapondo-se à implantação desordenada de pólos, as boas práticas de mitigação de efeitos negativos sobre a herança natural e cultural local incluem adaptação de condições naturais e respeito às populações locais. De fato, as decisões da oferta de atrativos envolvem um meio-termo entre a maximização dos espaços e a limitação do sobre-uso, incluindo mecanismos de geração de valor para a economia local. Alguns dos controles de uso incluem:

- limites gerais de visitação (permanentes ou sazonais);
- limites de tamanho de grupos de turistas;
- restrições ao uso de fogo, portes de armas e meios de transporte;
- limitações na duração de hospedagem;
- barreiras físicas;
- exigência de qualificações físicas para determinadas atividades;
- preços diferenciados em determinadas épocas ou para determinadas atividades.

Em termos das oportunidades de obter recursos, diversas fontes de financiamento são possíveis, sendo importante antecipar inclusive as alternativas que surgirão após o início do funcionamento. As fontes de recursos para os principais pólos mundiais incluem:

- investimentos diretos e financiamentos públicos;
- empréstimos de instituições internacionais de promoção de desenvolvimento;
- iniciativas privadas;
- doações;
- troca de dívida externa por investimentos (*debt-for-nature swap*);
- ingressos de visitação;
- promoção de eventos especiais;
- hospedagem e estacionamento;
- aluguel de equipamentos e veículos;
- alimentação;
- venda de souvenirs, roupas e outros;
- aluguel da propriedade da marca.

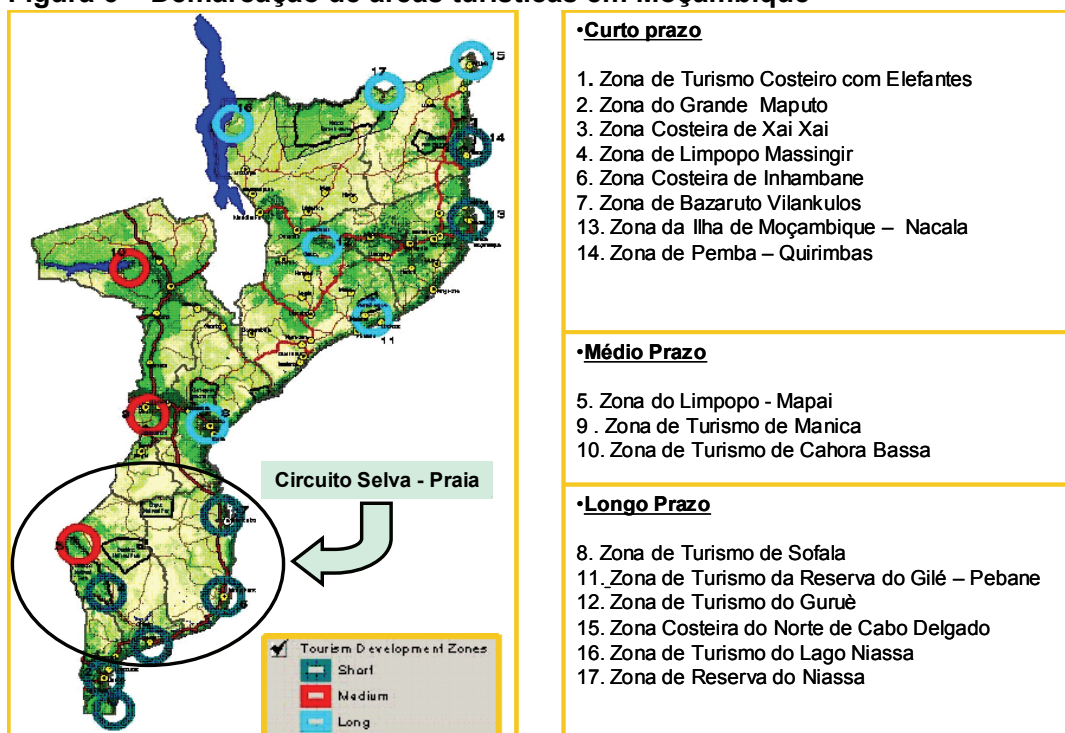
A definição de papéis entre os setores público e privado depende de algumas considerações regulatórias, fiscais e administrativas, mas há um certo padrão nos empreendimentos. Ao setor público usualmente cabem as práticas de proteção ambiental, fornecimento de infra-estrutura (estradas, aeroportos, saneamento, energia), segurança, avaliação de qualidade e dos impactos, resolução de conflitos e provimento de centros de informação. O setor privado geralmente provê alternativas de hospedagem e alimentação, transporte, informação (guias, propaganda), mídia, produtos acessórios de consumo e entretenimento.

Capítulo 4 - Circuito Selva-Praia

De acordo com o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo Nacional, Moçambique foi dividido em 17 áreas turísticas segundo sua prioridade de desenvolvimento, como ilustra a Figura 6. Dentre as diversas rotas propostas, a Rota do Grande Limpopo Selva-Praia se encontra mencionado no Plano Estratégico como uma das prioridades.

Portanto, desenvolver o ecoturismo em Moçambique a partir de um corredor ligando a Selva à Praia (e vice-versa) se estabelece como um potencial alavancador do turismo no país. Ao longo de sua extensa e variada costa, há diversos tipos de praias pristinas, arenosas, protegidas, onde se pode praticar todo o tipo de desporto aquático. No interior do país, a falta de infra-estrutura é compensada pela experiência única de se sentir isolado no meio do mato em total contato com a natureza em um ambiente rico em história natural e diversidade de ecossistemas, apropriados para alpinismo e observação da fauna.

Figura 6 – Demarcação de áreas turísticas em Moçambique



Fonte: Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo de Moçambique, Análise DAIBrasil

O potencial turístico de Moçambique permite desenvolver diversos roteiros Selva-Praia cortando o país nas regiões Norte, Central e Sul. No presente projeto trataremos do Circuito Selva-Praia apenas na região Sul, nas províncias de Gaza e Inhambane.

4.1 - Província de Gaza

Pode-se dizer que a vida da Província de Gaza gira em torno do Rio Limpopo que a atravessa e deságua junto à sua capital Xai-Xai. Com cerca de 75.709 km², possui uma população de cerca de 2 milhões de habitantes, shanganas e chopes. Agricultores comerciais e de subsistência cultivam de forma intensiva as planícies nas margens do rio

para a produção de castanha de caju, arroz e milho. As planícies alagadiças são os únicos solos férteis numa província que de outro modo seria seca; o resto da área é coberto por acácias e arbustos.

Desde a época colonial, a Província de Gaza vem se firmando como um destino turístico. O movimento abrandou durante o período da guerra civil, mas com o regresso da estabilidade, Gaza voltou a atrair visitantes, principalmente os provenientes da África do Sul. Além dos estrangeiros, o turismo doméstico também vem crescendo. Indivíduos de Maputo são os principais usuários das praias de Gaza durante o período de férias ou feriados prolongados.

Os pontos nodulares analisados nesta Província foram: Parque Nacional de Limpopo (Barragem de Massingir), Mapai (proximidades do Rio Limpopo), Parque Nacional de Banhine, Lago Banamana, Praias de Xai-xai e Bilene.

4.2 - Província de Inhambane

A província de Inhambane é uma região de 68.615 km² que inclui o arquipélago de Bazaruto e é a meca turística de Moçambique. A capital também chamada de Inhambane, tem uma população de cerca de 1,7 milhões de habitantes, chopes e tsongas. Ao longo da costa estende-se uma estreita faixa de floresta e duna e inúmeras salinas e lagos de água doce, muitos visíveis a partir da estrada principal. Plantações de coqueiros, bananeiras, cajueiros e mangueiras ladeiam a estrada, conferindo a Inhambane uma paisagem tropical. A parte ocidental da província que se estende até o Rio Save, é uma mistura de floresta seca e matas de acácias, repleta de baobás. A pesca e as plantações de caju e côco são as principais atividades econômicas locais, bem como o turismo que vem a cada ano aumentando sua participação na economia local.

Dotada de 700 km de costa com praias virgens, recifes de corais intocados e ilhas com formações de dunas de rara beleza, Inhambane possui grande potencial para atividades de ecoturismo ligadas ao mar, tais como pesca esportiva, mergulho e *snorkelling*. A vida marinha é rica e, em certas épocas do ano, os mergulhadores tem 80% de chance de nadar ao lado de tubarões-baleia, arraias mantas, tartarugas e dugongos – razão suficiente para colocar Inhambane em posição de igualdade com os melhores pontos de mergulho do mundo.

A parte interna da província conta com potencial para diversas atividades ecoturísticas no Parque Nacional de Zinave, tais como: observação de fauna bravia (crocodilos e hipopótamos são facilmente avistados), observação de pássaros, passeios em canoas no Rio Save e possibilidades de rafting.

Os pontos nodulares analisados nesta Província foram: Parque Nacional de Zinave, Praias de Vilanculos e de Inhambane (Tofo e Barra) e a Ilha de Bazaruto.

4.3 - Trabalho em campo

O presente projeto foi desenvolvido em um período de 24 dias, sendo 8 destes em campo, percorrendo o trajeto assinalado na Figura 7. O trabalho de campo visou principalmente testar a viabilidade da rota Selva-Praia e verificar as atuais condições da infra-estrutura local, bem como ratificar o potencial ecoturístico dos pontos nodulares.

Figura 8 – Análise SWOT do Circuito Selva-Praia

<p>Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Posição logística estratégica na fronteira com o Kruger • Experiência mais “selvagem” e atrativos diferentes do Kruger • Praias são destinos conhecidos do mercado regional • Imagem de Bazaruto como destino internacional • Circuito já faz parte das opções de algumas operadoras • Alavancar com a divulgação da Área de Conservação Transfronteira • Excelente mercado de nicho: mergulho, pesca e <i>birdwatching</i> • Experiência cultural para público internacional 	<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Setor privado manifesta interesse no circuito • Potencial para atrair público diverso (reg, intern) • Criação de pequenas e médias empresas locais • Geração de empregos para população local • Treinamento e assistência técnica ao projetos • Fortalecimento institucional do governo provincial • Melhoria em infraestrutura (energia, estrada, saneamento)
<p>Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fronteira com parte menos visitada do Kruger • Pouca quantidade de fauna bravia • Infraestrutura deficiente ou inexistente na parte interna • Rede hoteleira inexistente na parte interna • Acesso deficiente (principalmente em dias de chuva) • Marketing externo pouco eficiente • Imagem do país abalada por guerra, doença, pobreza 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de regras mais claras para atrair setor privado estrangeiro • Falta de empreendedorismo local organizado • Pouca coordenação entre as diferentes esferas de governo (distrital, provincial e nacional) • Aumento da criminalidade • Crescimento desordenado do turismo na costa • Descuido com a conservação do Meio Ambiente • Questões fundiárias e de reassentamento • Cheias

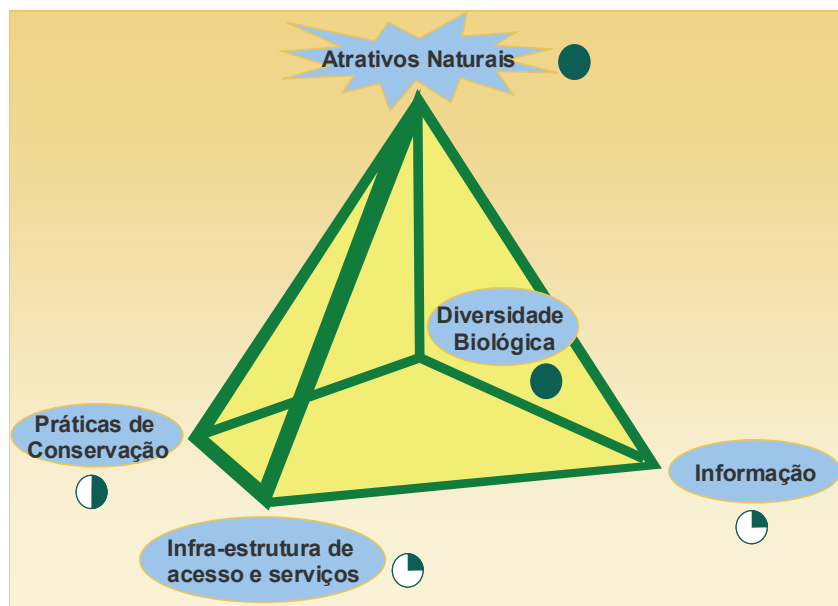
A seguir levamos a cabo uma análise mais detalhada do Circuito à luz dos fatores chave de compra do Ecoturismo mencionados no capítulo 3.

4.5 - Fatores Chave de Compra do Ecoturismo no Circuito Selva-Praia

Conforme visto no capítulo anterior, para os ecoturistas, os fatores-chave de compra são principalmente a existência dos atrativos naturais como condição suficiente, sendo ainda decisivos a diversidade biológica, a disponibilidade de informação, as práticas de conservação e a existência de infra-estrutura de acesso e serviços. Devido à alta concorrência existente nesse setor é recomendável que para se tornar um pólo internacional de ecoturismo, o local desenvolva todo o potencial de cada um desses itens.

A Figura 9 mostra uma avaliação do status atual dos fatores-chave de compra de ecoturismo no Circuito Selva-Praia.

Figura 9 - Avaliação dos fatores-chave de compra no Circuito Selva-Praia



Fonte: Análise DAIBrasil

O potencial ecoturístico de Moçambique está amplamente baseado nos atrativos naturais e na rica biodiversidade, com práticas de conservação moderadas, mas havendo falta de estrutura nos demais pontos.

Atrativos Naturais

Principal fator de decisão do ecoturista é a existência de atrativo natural diferenciado. Há diversos atrativos de padrão internacional capazes de atrair turistas do mundo inteiro por sua beleza e singularidade, tanto nas zonas costeiras quanto na zona de selva.

- **Zona Costeira – a “Praia”**

O turismo na área costeira de Moçambique encontra-se razoavelmente desenvolvido para os padrões econômicos nacionais. Juntas, as províncias de Gaza e Inhambane possuem uma vasta gama de acomodações disponíveis para os turistas, variando desde acampamentos, caravanas e chalets tipo *self-catering* até B & Bs⁷ e hotéis de luxo, somando cerca de 4 mil camas. A ampla maioria das instalações turísticas localiza-se na zona costeira.

Atualmente, bastante voltada ao turismo regional e atraindo principalmente os turistas sul-africanos, a costa de Moçambique oferece condições ideais para a prática de diversas atividades de ecoturismo, tais como: pesca esportiva, mergulho e *snorkelling*. E ainda há potencial para o desenvolvimento de diversas outras, como por exemplo: trilhas à cavalo, passeio de caiaque, passeios de canoa nas lagoas, *trekking* nos manguezais.

- **Zona Selvagem – a “Selva”**

Para aqueles dispostos a se aventurar pelo interior das zonas selvagens de Moçambique as recompensas são incomensuráveis. Menos desenvolvida que área costeira, possui infra-estrutura incipiente, mas com grande potencial para o ecoturismo seja em termos de

⁷ Bed & Breakfast

observação de fauna bravia, observação de pássaros raros, história natural ou apreciação de diversidade de ecossistemas.

Aparentemente não há estimativas oficiais de nenhum departamento sobre o número de espécies de fauna bravia ou do estado dos diversos ambientes em que elas ocorrem. Isto é agravado pelo fato de a maioria das áreas designadas como zonas silvestres se encontrarem em áreas remotas do país, de difícil acesso e dispendioso controle.

É importante notar as diferentes motivações que levarão o turista a visitar a selva moçambicana. Por exemplo, os turistas estrangeiros estarão buscando uma experiência do tipo “Big Five”, portanto será imprescindível continuar investindo na realocação da fauna bravia. Enquanto que os turistas regionais, em sua maioria sul-africanos, estarão buscando experiências mais “selvagens” longe dos controles a que hoje têm que se submeter na maioria dos parques de seu país. Em ambos os casos é preciso cuidar para não concorrer diretamente com o vizinho Kruger. É preciso encontrar maneiras criativas de complementar a experiência, uma vez que acredita-se que pelo menos no curto e médio prazo grande parte dos turistas do Circuito Selva Praia serão provenientes do Kruger e ansiarão por produtos ecoturísticos diferenciados.

Infra-estrutura de acesso e serviços

A infra-estrutura e serviços sociais variam significativamente entre distritos e províncias ao longo do percurso atravessado pela conduta. Os percursos de transporte principais do Sul para o Norte são a EN1 e a linha ferroviária

As **estradas** primárias, secundárias e rurais saem da EN1, ligando principalmente cidades, aldeias, áreas de actividade económica e infra-estruturas de importância internacional, por exemplo, a Barragem Massingir. Enquanto as estradas primárias são de alcatrão e se encontram num estado razoável, as secundárias e rurais são de trilho, de cascalho ou areia e suas condições de tráfego dependem das condições prevalentes do tempo. As estradas têm, em sua maioria, a orientação Sul-Norte, não favorecendo o corredor Selva-Praia. Investimentos na Estrada Pafúri-Mapinhane serão decisivos para a implementação do Circuito.

A **linha férrea** que liga Maputo a Chicualacuala através de Chókwe (Corredor Limpopo) é a principal linha ferroviária na Província, actualmente usada para o transporte de produtos como água para do litoral para o interior e madeira do interior para o litoral, além do escoamento de mercadorias para o Zimbábue. Esta linha pode ser usada por um comboio mais rápido para o transporte de turistas. Está em estudo pelo Governo de Gaza para reabilitação da linha de Gaza para exploração turística.

Os **aeroportos** de Inhambane e Vilanculos operam como aeroportos internacionais com vôos fretados a partir de Johannesburgo e com perspectivas de vôos sazonais a partir de Durban, internamente operam com vôos regulares para Maputo e Beira. A província de Gaza não possui aeroporto internacional. Entretanto, existem algumas pistas de aterragem nos distritos de Xai-xai, Bilene, Chókwe, Chibuto e Massingir. Esta última inclusive pode ser estendida para albergar aviões comerciais e passar a operar com vôos regulares para Maputo e até mesmo para o novo aeroporto internacional de Neilspruit.

O fornecimento de **energia eléctrica** é insuficiente e instável, e em grande parte baseado em geradores. Na província de Inhambane, os distritos de Vilanculos e Inhassoro apresentam situação mais regular, graças à utilização do gás de Pande como fonte de energia, porém as interrupções no fornecimento de energia pública são frequentes. Em Gaza, o Plano Quinquenal do Governo 2000-2004 reconhece a necessidade de electrificação da Província. Actualmente os pontos nodulares de Massingir e Mapai

operam com geradores por curtos períodos, inviabilizando estoque de produtos perecíveis e fornecimento de bebidas geladas pré-requisitos básicos para o desenvolvimento de um local turístico.

O **abastecimento de água** potável é um grande entrave para o desenvolvimento de um turismo sustentável. A provisão de água e saneamento varia também consideravelmente na área atravessada pelo percurso em campo. Nas zonas costeiras há abastecimento de água canalizada e sistemas de esgotos com transporte por água e frequências e eficiências variáveis. Em áreas rurais, bebedouros de repuxo comum fornecem água potável segura. Retretes rurais também são usadas, contudo seu uso é dificultado pelo nível freático geralmente elevado por toda a área. Presentemente, o Departamento de Assuntos Hídricos está a investigar uma reabilitação e melhoramento completo das instalações de saneamento e abastecimento de água nos centros distritais principais

As condições das **telecomunicações** no trajeto percorrido são variáveis. Em alguns casos existem telecomunicações celulares e de linhas terrestres. Em outros, não há meios de telecomunicações excepto o uso de telecomunicações por satélite.

Práticas de Conservação

As áreas silvestres de Moçambique estão classificadas como parques nacionais, reservas de caça, coutadas de caça e reservas florestais. Actualmente, 78.842 km² foram enquadrados na classificação acima, representando expressivos 9,7% da superfície total do país, enquanto a média mundial de áreas protegidas dos países mais importantes atuantes em ecoturismo é de cerca de 6%.

Cabe ainda esclarecer dois pontos com relação a esse percentual:

- Na estatística de Moçambique estão incluídas as reservas e coutadas de caça, enquanto a média mundial refere-se apenas às áreas de preservação ambiental sem fins de caça.
- Países considerados modelo em ecoturismo tais como Costa Rica e Venezuela, possuem porções de áreas preservadas muito acima da média mundial: 25% e 22%, respectivamente.

As Províncias de Gaza e Inhambane são privilegiadas com nada menos que 4 Parques Nacionais:

- Parque Nacional de Limpopo (antiga Coutada 16) => 10.000 km²
- Parque Nacional de Banhine => 7.000 km²
- Parque Nacional de Zinave => 3.700 km²
- Parque Nacional do Arquipélago de Bazaruto => 156 km²

As áreas de Limpopo, Banhine e Zinave são a contribuição de Moçambique para o arrojado plano trilateral de criação da mega reserva conhecida como Área de Conservação Transfronteira. Esse é um grande diferencial para o ecoturismo no Circuito Selva-Praia. Pesquisas revelam que 80% dos ecoturistas buscam visitar Parques Nacionais quando em visita a um país estrangeiro.

Diversidade Biológica

A diversidade biológica de Moçambique possui reconhecimento internacional. A diversidade de ecossistemas varia de áreas costeiras alagadiças, pântanos de mangais, e florestas de dunas estendendo-se por zonas de baixa savana e floresta seca até florestas sub-tropicais e tropicais de terras altas.

Tamanha diversidade biológica revela um potencial nato para um tipo específico e bastante estável de turismo: o Científico. A ilha de Inhaca, por exemplo, por sua localização singular possui uma estação científica que atrai pesquisadores sul-africanos por um largo período de estudos, fomentando o turismo científico.

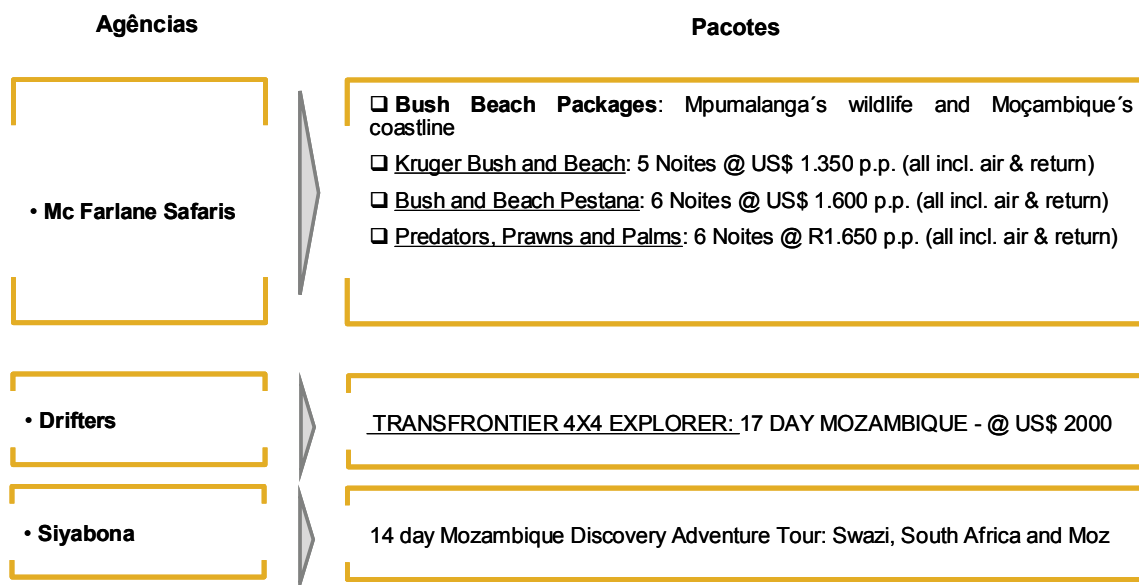
Ao longo do Circuito Selva-Praia há potencial para outras estações científicas devido à diversidade de espécies endêmicas de fauna e flora. O Parque Nacional de Banhine se destaca nesse ramo de Turismo Científico com ênfase dada ao estudo, principalmente dos avestruzes selvagens endêmicos da região.

Informação

Alguns operadores já disponibilizam informações em diversos veículos de comunicação como revistas, jornais e internet anunciando roteiros com o conceito “Bush-Beach”. Invariavelmente, a combinação clássica dos roteiros, em geral em inglês, “Bush-Beach” tem sido: “Bush” apenas o Parque Kruger na África do Sul, deixando para Moçambique a parte do “Beach”. Entretanto alguns poucos operadores já começam a explorar a zona selvagem de Moçambique, levando os turistas mais aventureiros em busca de uma imersão total na natureza.

Na Figura 10, citamos alguns exemplos de agências que vem operando sob o conceito Selva-Praia. Complementando, no Anexo 2 mais detalhes sobre os roteiros da agência *Drifters* e algumas recomendações importantes para os viajantes que mostram um pouco das dificuldades que podem ser enfrentadas durante o trajeto (anúncio original em inglês).

Figura 10 - Exemplos de Agências com pacotes turísticos tipo Selva-Praia



Capítulo 5 - Análise dos Pontos Nodulares

O desenvolvimento turístico vai muito além do planejamento isolado de alguns produtos. Para serem competitivos os roteiros turísticos devem ser planejados associando produtos complementares entre si, atentando para características específicas do público-alvo como:

- Origem do Turista (Internacional, Regional e Doméstico)
- Padrão de Gasto do Turista (Alto, Médio e Baixo)

Diferentes públicos irão se interessar pelo Circuito Selva-Praia e será preciso customizar produtos e roteiros sob medida para adequar-se a seus interesses específicos. A **origem de um turista** revela em grande parte os interesses que o trouxeram a um destino turístico. Conforme dito no capítulo anterior, em se tratando de selva os turistas estrangeiros estarão buscando uma experiência do tipo “Big Five” e interessar-se-ão por aspectos da cultura local, enquanto que os turistas regionais, em sua maioria sul-africanos, estarão buscando experiências menos “controladas”, onde possam usufruir de maior interação com a natureza.

Com relação à praia, os estrangeiros buscam lugares altamente diferenciados e com certa infra-estrutura, afinal percorreram uma longa distância para chegar ao destino. Já o mercado regional e doméstico aprecia o destino com base na combinação entre a logística e beleza natural. Locais onde a beleza natural não seja de padrão internacional, mas a logística de acesso seja boa tem grandes chances de se tornarem destinos cativos do turismo regional e doméstico.

O **padrão de gasto** adotado para a classificação foi estabelecido com base nos dados coletados no trabalho em campo. Foi considerado de padrão de gasto baixo uma média, um turista que gaste até US\$ 50 por dia (incluindo alimentação, acomodação, atividades, transporte e outros). De padrão médio aquele cujo gasto diária esteja entre US\$ 50 e US\$ 150 e de padrão alto aquele que gaste acima de US\$ 150 por dia.

A Figura 11 apresenta uma classificação preliminar dos pontos nodulares visitados de acordo com seu público-alvo mais provável. As setas indicam que a classificação não é estática. Por exemplo Bazaruto é um destino internacional e de classe alta por vocação, mas isso não impede que os turistas regionais e domésticos afluentes também queiram visitá-lo. Em tempo, também os menos afluentes, provavelmente baseados em Vilanculos irão querer passar o dia, mas provavelmente terão que pernoitar no continente, devido aos altos preços cobrados na ilha.

Os destinos em amarelo estão localizados na costa e já se encontram em processo de desenvolvimento turístico mais avançado, sendo assim torna-se mais imediato identificar sua vocação. Em alguns casos como Inhambane, há públicos específicos a depender do padrão de gasto do turista. A praia da Barra, por exemplo, em sua maioria possui vocação para atrair turistas regionais afluentes. A área do Tofo é a preferida pelos *backpackers* internacionais que vêm em busca das excelentes condições de mergulho.

Vale ressaltar um comentário sobre esta categoria de turistas. Muitas vezes negligenciados, uma vez que quando nos referimos ao turista internacional pensamos logo no turista com alto padrão, os *backpackers* formam um importante grupo para o turismo de qualquer país. Além de servir como colchão de segurança financeira para a indústria do turismo em épocas de ameaças terroristas e doenças, também funcionam como ótimo elemento de marketing futuro. Um backpacker satisfeito tem grandes chances de convencer seus familiares a visitar o destino, e estes certamente vêm com um padrão

de gasto maior. Além disso no longo prazo, há chances de o próprio *backpacker* retornar não mais como tal e sim com um padrão de gasto maior.

Outro ponto a favor dos *backpackers* mostra que são eles a classe de turistas que **melhor fazem a distribuição da renda na economia**⁸. Não concentram seus gastos nos *resorts* como fazem os mais ricos, consomem produtos locais e gastam com atividades específicas de seu interesse, como por exemplo mergulhar em Inhambane. Esse grupo apesar de não carregar muito dinheiro em espécie, o chamado *cash poor*, quase sempre recorre a alguns gastos em seus cartões de crédito.

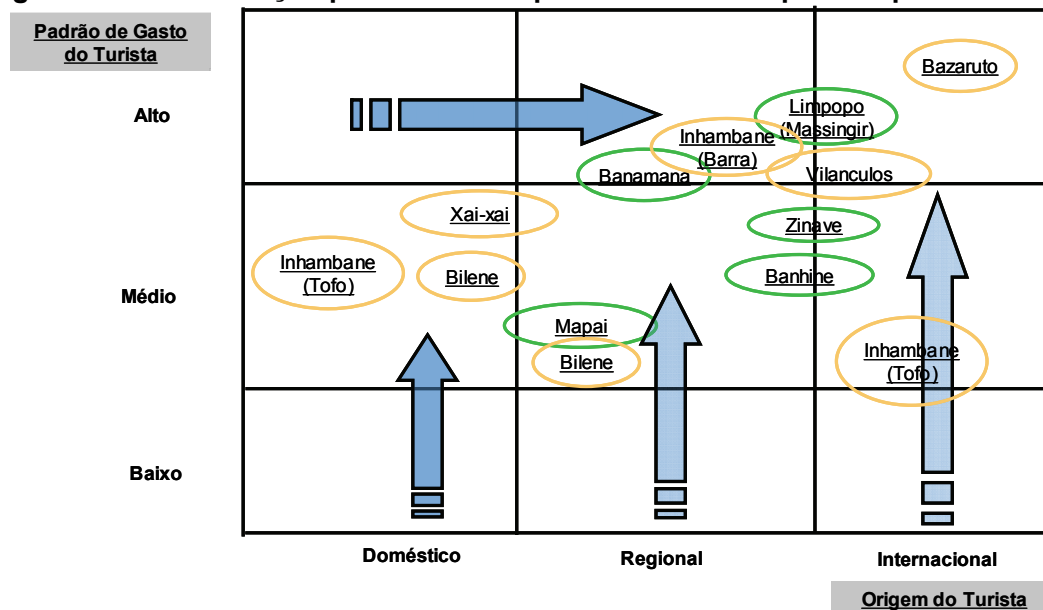
É preciso assimilar a idéia de que o turismo deixou de ser uma prática exclusiva da elite abastada e passou a ser considerada uma necessidade básica do ser humano. Essa mudança de ótica tem sido o principal fator do *boom* turístico. Portanto é necessário desenvolver roteiros para turistas de diversas origens e adaptados a todos os “bolsos”, sem discriminar grupos que percentualmente podem estar gerando um retorno econômico menor, mas têm a importante função de distribuir esse retorno de forma mais igualitária.

Os destinos em verde são aqueles localizados no interior. Estando ainda em vias de desenvolvimento, não há ainda um público definido para tais destinos. Portanto, a classificação realizada infere sobre o provável potencial turístico de cada um.

A proximidade com o Parque Nacional de Kruger nos leva a crer que há potencial para o Parque Nacional do Limpopo (Barragem de Massingir) atrair o mesmo tipo de público do vizinho sul-africano com chances de alcançar também o mercado internacional de alto poder de compra. Já os Parques de Banhine e Zinave, ao menos no curto e médio prazo, acredita-se que não disponham de apelo para a classe mais alta. Entretanto, o potencial para atrair o público regional de médio poder de compra é factível; o potencial para tornarem-se rota de *backpackers* imediato no caso de implantação de linhas regulares de ônibus e pavimentação da estrada Pafuri-Mapinhane.

⁸ Economics Economic Perspectives on Nature Tourism, Conservation and Development”, Michael P. Wells, World Bank Paper 055, 1997

Figura 11 - Classificação preliminar dos pontos nodulares por seu público-alvo



Parque Nacional do Limpopo

Potencial ecoturístico: O grande diferencial do Parque Nacional de Limpopo é sem dúvida o espelho d'água formado pela Barragem de Massingir. Esse atrativo pode ser transformado em um singular produto ecoturístico para observação da fauna em passeios fluviais em canoas, por exemplo. Um importante componente para o sucesso do turismo no Parque é o projeto de realocação da fauna bravia entre os parques que formam o Grande Limpopo Transfronteira, estimada em 6.000 cabeças ao longo de 3 anos, iniciado em outubro de 2001.

Horizonte de implementação: Médio prazo. Actualmente não existem instalações de turismo no parque e as condições de acesso e infra-estrutura são insuficientes. Os poucos exploradores que se aventuram têm a opção de acampar ou alugar casas utilizadas pelos funcionários da companhia mantenedora da barragem.

Mapai

Potencial ecoturístico: O distrito de Mapai combina boa logística com belo atrativo natural. Localizada à margem da via férrea Maputo-Chicualalcula e da estrada Pafuri Mapinhane, Mapai se encontra no caminho de todos os turistas que se deslocarem a partir do Norte do Kruger (Pafuri) em direção às praias de Moçambique. Além da logística perfeita, Mapai conta com um atrativo natural de primeira linha: o rio Limpopo. Local ideal para trilhas a pé, beirando o rio, observação de aves e exploração de trilhas com veículos 4x4, incluindo a travessia do rio. Um aspecto cultural importante é a proximidade com as vilas locais e a interação que a comunidade pode ter com o turismo.

Horizonte de implementação: Médio prazo. Mapai deve se estruturar para oferecer acomodações para pernoites tanto para aqueles que estejam apenas de passagem, como para aqueles que queiram explorar o Parque Nacional do Limpopo, especialmente os atrativos às margens do Rio Limpopo. Enquanto não for construída uma ponte sobre este trecho do rio, apenas veículos com tração 4x4 são capazes de fazer a travessia. Visando

atender aos diferentes públicos, há potencial para a construção de: (i) estâncias intimistas mais próximas ao rio e às vilas changanas, atentando para o risco do período das cheias, e (ii) acomodações mais simples próximas à estrada.

Parque Nacional de Banhine

Potencial ecoturístico: A ocorrência de diversas espécies de aves ameaçadas de extinção certamente atrairá o público especialista em observação de aves. Já foram catalogadas no local as seguintes espécies: Grou carunculado *Bugeranus caruncalatus*, Águia Pesqueira *Haliaeetus vocifer*, Avestruz selvagem *Struthiocamelus*, Ganso pigmeu *Nettapus auritus*, Cegonha do bico vermelho *Ephippiorhynchus senegalensis*, Falcão *Terathopius ecaudatus*. Uma estratégia visando a combinação dessas ou de outras espécies sob o conceito de Feathered Five (ou “Os 5 de Penas”) poderia ser utilizada como marketing para atrair e manter por mais tempo turista no Parque Nacional de Banhine.

A paisagem presente no Parque de Banhine apresenta ao turista um contraste entre a savana e floresta. A biodiversidade presente no parque, descrita em detalhes em seu Plano de Manejo, apresenta-se como forte indutor de fluxo de um novo tipo de turismo: o Turismo: Científico.

Horizonte de implementação: Médio prazo. O desenvolvimento do turismo em Banhine depende sobremaneira da construção da estrada Pafuri-Mapinhane. Dificilmente o parque será capaz de atrair um número substancial de visitantes sem melhorias no acesso e na sinalização, bem como investimentos em acomodações e construção de uma estação de pesquisa científica.

Parque Nacional de Zinave

Potencial ecoturístico: O maior atrativo do Parque Nacional de Zinave é o Rio Save com seus hipopótamos e crocodilos, freqüentemente avistados a partir da margem. O Parque actualmente conta com placas informativas sinalizando aos visitantes os atrativos turísticos. Diversas atividades podem ser operadas no local: *trekking* pelos bosques conduzindo a vários lagos, passeio de canoa, passeio a cavalo e observação de aves e da fauna em geral. O potencial do Rio Save para a atividade de *rafting* deve ser estudado. O Parque também se mostra propício para um trabalho de reintrodução da fauna bravia, com espécies adaptáveis àquele ecossistema e respeitando as preferências e receios da comunidade local.

Horizonte de implementação: Longo Prazo. O desenvolvimento do turismo em Zinave representa o maior desafio do Circuito Selva-Praia dada a sua logística. No caso desse parque a construção da Pafuri-Mapinhane não é suficiente para a atração dos turistas que ainda levarão pelo menos mais 2horas e meia (em estrada de areia) até o Rio Save – principal atrativo do parque. O turismo em Zinave pode estar, portanto, mais ligado à rota dos zimbabueanos provenientes do sul, passando por Massangena, do que ao sul-africanos num primeiro momento.

Lago Banamana

Potencial ecoturístico: O Lago Banamana é ideal para observação de aves. Bandos de flamingos são facilmente avistados em seus sobrevãos freqüentes, além de diversas espécies de pássaros em extinção, algumas semelhantes à ocorrência que se tem em Banhine, como o Grou Carunculado *Bugeranus caruncalatus*. O contato próximo com a comunidade local enriquece a experiência do turista, abrindo espaço para o turismo cultural onde cada vez mais se comprova a vontade do turista em aprender sobre novos costumes e participar de experiências de vida diferentes das de seu dia-a-dia.

Horizonte de implementação: Curto prazo. A questão da sazonalidade do lago durante as épocas de cheia e seca é algo que deve ser cuidadosamente analisado antes da escolha do local para a construção de *lodges* e acampamentos. Recentemente, levou-se a cabo um projeto junto à comunidade local e como resultado surgiu a indicação do local onde os habitantes locais gostariam que fosse construído o primeiro *lodge*.

Os demais pontos nodulares localizam-se na zona costeira e já se encontram em desenvolvimento, não cabendo aqui menção ao item horizonte de implementação.

Bazaruto:

Potencial ecoturístico: O Parque Nacional do Arquipélago de Bazaruto é composto por 5 ilhas, incluindo a ilha de Bazaruto. A atividade mais procurada pelos turistas há décadas tem sido a pesca esportiva de marlim, atum, barracuda, veleiro e xaréu. Sentindo os efeitos da pesca predatória, alguns *resorts* começam a encorajar a modalidade “pesque e solte”, principalmente das espécies migratórias. Também as condições para mergulho e snorkel ao redor das ilhas estão entre as melhores em África. “Aquarium”, “Two-mile”, “Five-mile” e “Twelve-mile” são nomes de recifes mundialmente famosos por sua incrível variedade de peixes tropicais e coloridos corais. Um ponto alto para os turistas é a rica diversidade de aves pernaltas e marinhas, incluindo os flamingos nos meses de inverno. Uma queixa dos operadores turísticos da ilha é a falta de animais de fauna bravia. A reintrodução de algumas espécies tornaria o local um programa completo para o turista: um circuito Selva-Praia dentro da própria ilha⁹.

Vilanculos

Potencial ecoturístico: Localizada numa faixa costeira a 700km norte de Maputo, Vilanculos vem desempenhando importante papel catalisador na florescente indústria do turismo em Moçambique. Ponto mais próximo no continente do arquipélago de Bazaruto, no passado Vilanculos servia somente de porta de entrada para as ilhas, mas nos últimos anos tem atraído novos empreendimentos, fazendo da cidade um destino turístico *per se*. A ampla variação da maré revela alternadamente paisagens marítimas de águas calmas e multi-coloridas ou inúmeros bancos de areia dando a impressão de um corredor contínuo entre o continente e o arquipélago, parecendo mais perto que os 13km que os separam. Um passeio pelos bancos de areia é um espetáculo para os olhos, revelando espécies de crustáceos, grande s cardumes e bandos de aves pernaltas. As atividades de pesca oceânica, mergulho e snorkelling descritas para Bazaruto também podem ser realizadas a partir de Vilanculos, além do imperdível passeio de barco à vela através do canal por uma das ilhas do arquipélago. A cidade é bem servida em termos de infraestrutura turística e conta com exemplos de empreendimentos turísticos que devem ser incentivados pelo governo. Por exemplo, o Vilanculos Beach Lodge e o Baobab Beach Lodge além de esteticamente integrados à paisagem, foram construídos exclusivamente com madeiras locais e utilizaram mão de obra local para o fabrico de seu mobiliário, fomentando a economia de Vilanculos. Atenção especial deve, porém, ser dada ao crescimento desordenado dos empreendimentos turísticos.

Inhambane (Barra e Tofo)

Potencial ecoturístico: Situada entre extensos palmares e conhecida como “Terra da Boa Gente” – desde a época de Vasco da Gama - a cidade de Inhambane é a capital da província de mesmo nome. Seu aspecto histórico-cultural é um atrativo à parte: é a cidade

⁹ Estudos realizados pela consultoria Impacto e DAI citam as espécies indicadas para a reintrodução.

mais antiga do sul, fundada pelos portugueses em 1534. Num raio de 20km, encontram-se as praias do Tofo, Baía dos Cocos e Ponta da Barra, com suas comunidades de pescadores e uma série de lodges e áreas de campismo que oferecem uma série de actividades de ecoturismo. Particularmente bela é a praia que se estende do farol da **Ponta da Barra**, passando em frente ao Barra Lodge e entra na baía de Inhambane. O Barra Logde, por sua vez, é um exemplo de estabelecimento onde actividades de ecoturismo podem aumentar a estadia, captivar o cliente (alta taxa de retorno) e incrementar a economia. O hotel oferece desde passeios em barcos a vela (*dhow*), trilhas a cavalo pela praia e passeios a pé pelos mangais até mergulho nos recifes e pesca oceânica. As condições de mergulho são particularmente excepcionais na área do **Tofo**, atraindo pessoas do mundo inteiro pela facilidade de avistar espécies como: Golfinho *Tursiops truncatus*, tubarão baleia *Rhincodon typus*, raia jamanta *Manta birostris*, dugongo, tartarugas *Chelonia mydas*, moréias *Muraenidae* sp.(família). Tofo poderia ser um destino cujo marketing conter o conceito de Safári Oceânico, escolhendo espécies que poderiam ser classificadas como os *Big Five* do mar.

Xai-xai

Potencial ecoturístico: Situada na margem norte do Rio Limpopo, a 224 km de Maputo. A proximidade da capital revela o grande potencial do Xai-xai para o turismo doméstico, atraindo também um número considerável de sul-africanos. Conta com um centro da cidade vibrante e com estações de serviço e mercado bem desenvolvidos para os padrões locais. A uma pequena distância do centro, encontra-se seu mais famoso atrativos: as extensas praias, por vezes, de águas turbulentas; e em períodos de maré baixa, com águas calmas e recifes à mostra. Poucas actividades ecoturísticas são exploradas no local, com destaque apenas para a pesca esportiva. Prédios abandonados em frente à orla e 2 hotéis recentemente fechados no local, demonstram a necessidade de incentivos para a retomada do fluxo turístico no local.

Bilene

Potencial ecoturístico: Localizado próximo a Maputo (170km de estrada em boas condições), Bilene é um dos destinos preferidos dos maputenses durante os fins de semana e feriados. Contando com boa infraestrutura de hotéis e áreas de campismo, Bilene também vem atraindo um número cada vez maior de sul-africanos. Actualmente, a Lagoa do Bilene desenvolve poucas actividades de ecoturismo, sendo mais voltada para um público adepto a esportes motorizados como: *water-ski* puxado por lanchas rápidas e *jet-skis*.

Ponto nodular opcional

Mabote

Potencial ecoturístico: o distrito de Mabote vale ser mencionado não por seu potencial ecoturístico, mas pelo empreendedorismo local, onde dois estabelecimentos hoteleiros de padrão simples foram construídos por iniciativas de famílias locais. O Complexo Regina, por exemplo, consta de 6 chalés de arquitetura tipicamente changana, com casa de banho externa à acomodação, trazendo ao turista a possibilidade de, por US\$ 3, vivenciar o dia-a-dia de um habitante da vila. Pode também servir como ponto de pernoite para os visitantes do Parque Nacional de Zinave, ou para aqueles que estiverem a caminho de Vilanculos pela Estrada Pafuri-Mapinhane.

Capítulo 6 – Análise Econômica do Circuito Selva-Praia

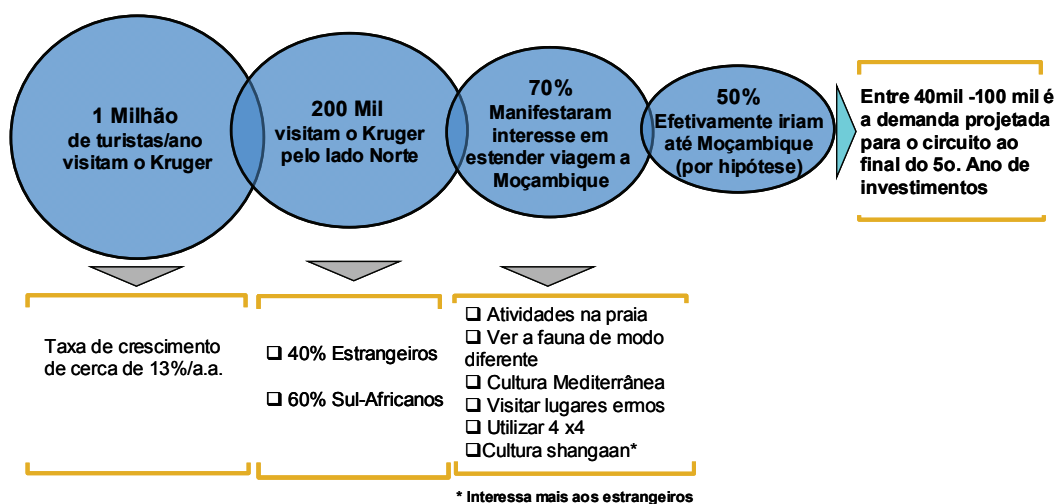
O presente capítulo apresenta projeções preliminares de demanda de ecoturistas, geração de receita e número de empregos criados no Circuito Selva-Praia. Estima-se que o circuito só terá a escala esperada em um prazo estimado de 5 anos, após realizados investimentos nas áreas de infra-estrutura, instalações turísticas, informação e divulgação.

6.1 - Demanda de ecoturistas

Devido à área de fronteira entre o Parque Nacional de Limpopo e o Parque Nacional de Kruger, partimos da hipótese de que em sua maioria e, pelo menos no curto e médio prazo, os turistas que realizarem o Circuito Selva-Praia estarão utilizando o Kruger como ponto de partida (ou chegada). Assim, o cálculo da demanda para os turistas do circuito partiu do número de visitantes anuais do Kruger, conforme ilustra a Figura 12.

Foi preciso levar em conta o fato de a fronteira se dar na parte menos visitada do Kruger, isto é, na região norte do parque que recebe apenas 20% dos visitantes. O Circuito Selva-Praia pode servir como estratégia para o lado sul-africano aumentar seu número de visitantes nessa região.

Figura 12 – Estimativa de demanda para o Circuito Selva-Praia



Fonte: Estatísticas anuais do Kruger (2001), SDI e Análise DAIBrasil

De acordo com uma pesquisa realizada durante o projeto SDI¹⁰ levado a cabo pela Norton Associates, 70% dos turistas entrevistados no lado norte do Parque Kruger manifestaram interesse em estender a viagem e visitar Moçambique. Em uma amostra de 40% estrangeiros e 60% sul-africanos os motivos para conhecer Moçambique variavam entre: praticar actividades de praia, observar a fauna de um outro ângulo, ter contato com a cultura mediterrânea e *shangaan*, visitar lugares ermos e utilizar veículos 4x4.

De modo mais realista, estimamos no presente projeto que apenas 50% dos que manifestaram interesse em estender a viagem efetivamente o façam. É uma estimativa conservadora, mas que apresenta resultados animadores. Assim, chegamos a uma demanda de ecoturistas para o Circuito Selva-Praia de cerca de 70 mil pessoas ao final

¹⁰ Second Phase of a Tourism Sectorial Paper for the Limpopo Valley Spatial Development Initiative (SDI), Lorton Consulting and Associates, June 2003

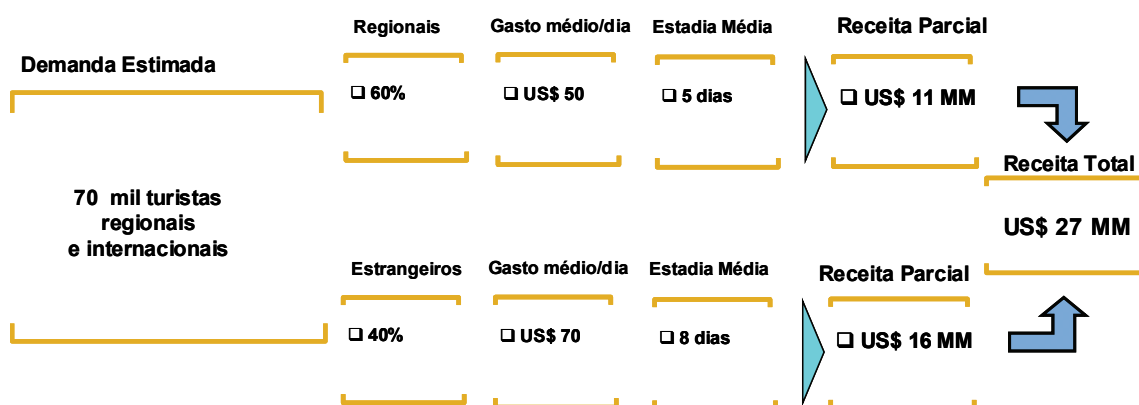
do 5º. ano de investimentos. Nossa hipótese é de que esse número se mantenha em média em torno de 30 mil ao ano. Portanto uma amplitude razoável seria uma demanda projetada entre 40 mil e 100 mil ecoturistas para o Circuito.

Recomenda-se uma pesquisa de demanda mais aprofundada e com uma amostra maior. Além disso, será interessante pesquisar a opinião dos turistas que hoje frequentam as praias moçambicanas sobre o interesse em visitar as zonas de selva, contrapondo-se à pesquisa anterior feita com turistas a partir das zonas selvagens.

6.2 - Receita econômica

Partindo de uma demanda de 70 mil ecoturistas, levando-se em conta a segmentação entre regionais e estrangeiros, com seus respectivos padrões de gasto médio e estadia média, projetamos uma receita de US\$ 27 milhões. Conforme ilustrado na Figura 13, estima-se que deste total, US\$ 11 milhões serão proveniente dos turistas regionais e US\$ 16 milhões dos internacionais.

Figura 13 – Estimativa de receita gerada pelo Circuito Selva-Praia



Fonte: SDI e Análise DAIBrasil

6.3 – Distribuição da receita e empregos gerados

Os recursos gerados pelo turista circulam a partir dos gastos praticados nos hotéis, nos restaurantes, nos bares, nas áreas de diversões e entretenimento. O IFC¹¹ estima que os turistas injetam na economia local em média de 50% a 190% além dos gastos com hotéis.. O Turismo, quando bem planejado, beneficia todo comércio local dentro de um modelo adequado, em que as comunidades participam do processo, possibilitando a inclusão dos mais variados agentes

A média internacional tida como padrão é: um grupo de 10 a 17 turistas ao ano gere ao menos 1 emprego fixo direto. Utilizando um fator intermediário, estimamos que, para uma demanda de 40 mil a 100 mil turistas sejam gerados aproximadamente entre 3 mil e 7 mil empregos diretos. O número de empregos indiretos em geral é igual ou um pouco maior que número de diretos¹². O fator utilizado para o cálculo de empregos indiretos foi de 1,3 indicando um volume de 4 mil a 9 mil empregos indiretos.

¹¹ International Finance Corporation (Banco Mundial)

¹² Inskeep, 1991

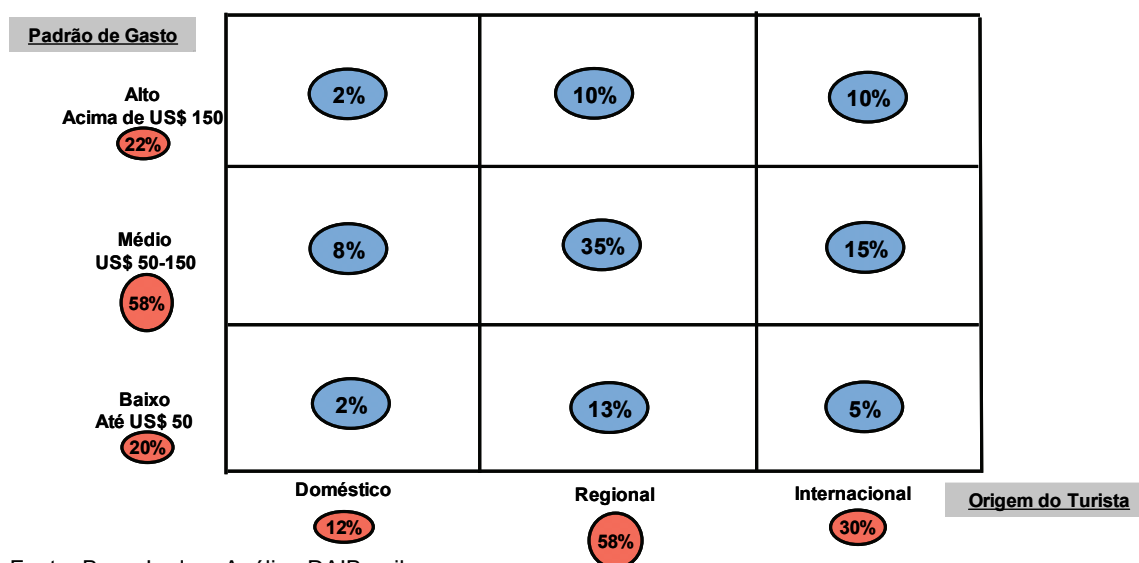
Portanto, estima-se que a partir do 5º. ano de investimentos, o ecoturismo no Circuito Selva-Praia gere entre 7 e 16 mil empregos totais. Actualmente mais de 90% dos postos de trabalho dos hotéis e restaurantes visitados na zona costeira são ocupados por moçambicanos.

Há chances de que o número de empregos gerados possa ser ainda maior, uma vez que um operador local utiliza o fator de 1 emprego gerado para cada grupo de 6 turistas em Moçambique.¹³ Uma explicação para essa diferença que leva a criar quase o dobro de empregos pode ser explicada pelos baixos custos com mão de obra local e pela produtividade mais baixa que leva a uma contratação maior que a média.

Recomenda-se que outras estimativas de empregos sejam feitas com base em uma análise pelo lado da oferta, quando a zona da Selva estiver desenvolvida e contar com acomodações que possam ser pesquisadas. De acordo com o IFC o turismo é intensivo em trabalho e em média gera de 1,2 a 1,5 empregos diretos por quarto de hotel nos países em desenvolvimento, dependendo do tipo do hotel e das habilidades necessárias.

Para auxiliar na identificação dos tipos de acomodações necessárias para atender ao público-alvo na zona da Selva é interessante notar o perfil estimado dos turistas que hoje visitam as praias de Inhambane, mais precisamente a praia da Barra. Ainda não se pode extrapolar a segmentação ilustrada na Figura 14 para todo o Circuito, sem pesquisas mais aprofundadas. Mas, independentemente dos números ali expostos, o modelo poderá servir como uma ferramenta útil de análise para números mais precisos obtidos em pesquisas futuras.

Figura 14 – Classificação do público-alvo em Inhambane



Fonte: Barra Lodge, Análise DAIBrasil

¹³ The potential of the tourism sector in Mozambique to impact poverty, Abt Associates, Inc.

Capítulo 7 - Potenciais Rotas e Principais Barreiras ao Circuito Selva Praia

7.1 – Curto Prazo: “Beach thru Bush”

Actualmente pode-se dizer que o Circuito Selva-Praia já se encontra em operação, ao menos em termos de conceito. Os operadores têm vendido roteiros chamados “Bush-Beach”, ligando o Parque Nacional do Kruger ou outras áreas de selva fora de Moçambique às praias moçambicanas. O que se espera num futuro próximo é, além de aumentar o fluxo deste tipo de roteiro, que se consiga atrair cada vez mais turistas para a selva do lado moçambicano, tornando Moçambique um destino completo de Selva e Praia.

A parte da Selva em Moçambique, quando muito, tem sido apenas passagem para aqueles turistas em direção às praias (*Beach thru Bush*). No entanto, existem operadores interessados em desenvolver o conceito internamente. Alguns até mesmo já operam rotas do tipo *overlanders* ligando Limpopo e Banhine às praias do sul, mais ainda com pouca escala.

Este tipo de turismo não gera muitas receitas para a comunidade, mas tem o benefício de fazê-las tomarem o primeiro contato com o turismo. Por outro lado, começando pequeno os operadores podem começar a descobrir os melhores pontos para desenvolvimento das actividades e para construção de acomodações. É preciso ter um canal aberto e reuniões periódicas com as Secretarias de Turismo das províncias para passar as informações desses operadores em campo para o poder público.

7.2 - Médio Prazo: “Beach and Bush”

No curto prazo, a partir de um plano de investimentos aliando recursos público e privados aos interesses da comunidade local. Uma condição prioritária para o desenvolvimento do Circuito em larga escala é a pavimentação da estrada Pafuri-Mapinhane.

Espera-se que num prazo de 5 anos os Parques Nacionais de Limpopo e Banhine façam parte dos roteiros turísticos de um número considerável de turistas. É provável que esses turistas ainda tenham como motivação principal para a visita às praias de Moçambique, mas já comecem a demonstrar interesse em estender a estadia por 2 ou 3 dias nos parques em seu caminho rumo à **costa (Beach and Bush)**. No curto prazo, o público alvo mais provável será aquele do tipo *self-drive*, uma vez que as agências demoram aproximadamente 2 anos para incorporarem, com escala razoável, novos destinos a seus roteiros.

É preciso também aprender com os erros cometidos na zona costeira para que não se repitam com o desenvolvimento do turismo na zona selvagem. Um dos graves problemas hoje enfrentado no litoral é o desenvolvimento desordenado dos estabelecimentos turísticos. Construídos ignorando os regulamentos legais estabelecidos, geram conflitos e ameaçam destruir os ambientalmente frágeis atrativos da zona costeira.

7.3 - Longo Prazo: “Bush and Beach”

No longo prazo, espera-se que Moçambique possa atrair turistas tanto pela singularidade de sua selva, quanto pela beleza de suas praias, não sendo mais necessário recorrer a uma experiência de safári com fauna bravia – principal atrativo para o turista internacional – fora do país (Bush and Beach).

As condições de infraestrutura estarão melhores, atraindo turistas para acomodações aconchegantes e intimistas nos Parques de Limpopo e Banhine, deixando aos

aventureiros o Parque de Zinave – que deve demorar um pouco mais para se desenvolver, principalmente por questões de logística.

No longo prazo, para se tornar competitivo internacionalmente, além da boa condição das estradas, será necessário construir ou reativar aeroportos em pontos estratégicos do circuito.

Capítulo 8 - Comentário Final

O turismo, pela natureza de suas atividades e pela dinâmica de crescimento dos últimos dez anos, é o segmento da economia que pode atender de forma mais completa e de maneira mais rápida os desafios do desenvolvimento sócio-econômico, especialmente se for levada em conta a capacidade que o turismo tem de interferir nas desigualdades regionais, amenizando-as.

O setor de Turismo, apresenta-se pois, como um mercado dinâmico abrangente, caracterizando-se, nas últimas décadas, pela grande força de expansão e crescente competição, tanto entre os destinos turísticos quanto na diversificação dos produtos oferecidos. O turismo passou desenvolver-se como atividade econômica organizada, notabilizando-se como indústria de âmbito internacional, com ênfase especial dada ao crescimento do turismo ligada à natureza.

Resumidamente, as prioridades institucionais relacionadas ao ecoturismo recaem em 4 pontos:

- (1) Aumentar e capturar uma parte maior da renda localmente;
- (2) Contribuir mais para o desenvolvimento local;
- (3) Mitigar os impactos ambientais;
- (4) Auxiliar no financiamento da conservação da biodiversidade (reconhecendo que apenas pequenas frações das áreas ecologicamente importantes possuem potencial para atrair uma quantidade significativa de turistas).

Anexo 1 – Exemplos Internacionais das Principais Lições

A seguir, encontram-se detalhados alguns exemplos internacionais de pólos de ecoturismo, classificados pela principal característica ou lição aprendida.

a) Produtos e serviços ajustados

Parc National des Volcans, Ruanda

A partir de 1980, o turismo para observação de gorilas em Ruanda foi tão lucrativo que chegou a gerar recursos para a conservação de outras áreas, gerando um superávit de US\$ 800.000 em 1989. Quando a demanda passou a superar a capacidade diária de visitação, o governo aumentou o valor dos ingressos para até US\$ 200 por hora de visita. Este fato garantiu a captação de US\$ 1 milhão anuais até a eclosão da guerra civil no país.

Galapagos National Park, Equador

O parque tem ingressos diferenciados de acordo com várias características:

Categoria	Preço em US\$
Estrangeiros não residentes	100
Estrangeiros não residentes < 12 anos	50
Estrangeiros da Comunidade Andina ou Mercosul	50
Estrangeiros da Comunidade Andina ou Mercosul < 12 anos	25
Cidadãos ou residentes do Equador	6
Cidadãos ou residentes do Equador, < 12 anos	3
Estrangeiros não residentes filiados a instituições acadêmicas	25
Crianças menores de 2 anos	Grátis

Áreas de proteção na Costa Rica

A Costa Rica é um exemplo internacional no desenvolvimento de áreas de proteção ambiental, que cobrem cerca de 25% da área total do país. Nos anos 80, estas áreas tinham ingressos a partir de US\$ 1, que não cobriam os custos. Em 1995, um estudo foi feito com visitantes domésticos (que pagavam US\$ 1) e estrangeiros (US\$ 6), tendo ambos os grupos demonstrado disposição em pagar até quatro vezes mais.

b) Investimentos adequados aos fatores de sucesso

Chumbe Island Coral Park, Tanzânia

Criado em 1992, foi o primeiro parque marinho do país, estando localizado em uma ilha de 24 ha não habitada no Oceano Índico, cercada por uma barreira de corais de grande beleza e biodiversidade. A idéia principal foi desenvolver um local para ecoturismo que garantisse a conservação do local e para isso vários recursos de doadores e entidades governamentais foram mobilizados. As instalações turísticas compõem-se de 7 bangalôs com capacidade total de 14 hóspedes, além de visitas sem hospedagem para mais 12

pessoas por dia. A arquitetura ecologicamente desenhada inclui coleta de água da chuva filtrada e armazenada em cisternas subterrâneas, reciclagem da água utilizada pelo homem, ventilação natural, uso do esgoto como fertilizante e de energia solar. Os equipamentos de transporte e *snorkels* incluem cartões de informação e placas submersas iluminadas.

c) Arranjo institucional alavancador da economia local

Madikwe Game Reserve, África do Sul

Instituída em 1991 como Reserva, o local era sede de uma fazenda, mas atualmente contém um ecossistema restaurado de savana africana. Em 1993, a chamada Operação Phoenix gerou o maior exercício de deslocamento natural visto até então: 60.000 ha de terra foram cercados em um perímetro de 150 km, mais de 10.000 animais de 28 espécies foram deslocados para o local (incluindo elefantes, rinocerontes, búfalos, leões, girafas, zebras). As instalações anteriores foram removidas (algumas passaram a servir de escritórios do parque). A iniciativa envolveu parcerias entre as comunidades locais, o governo e a iniciativa privada. Em 1999, com apenas 30% das instalações de hospedagem planejadas já construídas, o impacto econômico já superava a atividade agrícola anteriormente instalada. Atualmente a reserva conta com 12.000 animais.

Ayers Rock National Park, Austrália

A área é propriedade de comunidades aborígenes desde 1985, que a alugaram ao governo por 99 anos. Os aborígenes são maioria no conselho administrativo do parque, suas vilas residenciais não são abertas aos turistas e o parque fica fechado em datas de cerimoniais da comunidade. Os aborígenes recebem US\$ 75.000 anuais mais 20% da venda de ingressos e podem ainda empregar-se (caso desejem) em atividades de apoio. O parque é referência internacional na interação cultural e co-gestão, recebendo cerca de 250.000 visitantes-ano.

Saguenay-St.Lawrence National Marine Park, Canadá

O parque compreende uma série de ilhas ao longo de 80 km de um rio. O governo classificou as ilhas em quatro classes: de preservação especial, onde o acesso é estritamente controlado, com acompanhamento de guias; de ambiente natural, onde é permitido o acesso sem veículos motorizados e são oferecidos espaços de piqueniques e *camping* primitivo; de recreação, com acomodações mais estruturadas e vários espaços livres para atividades; e de serviços, onde as restrições são brandas e há os centros de informação, serviços gerais e amplos espaços para *camping*.

Kakum National Park and Conservation Area, Gana

O parque foi instituído em 1991. A área é habitat de 550 espécies de borboletas, 250 espécies de pássaros e 100 espécies de anfíbios, répteis e mamíferos, alguns raros, sendo parte de uma região bastante rica em biodiversidade (floresta do oeste africano). O projeto ecoturístico foi desenvolvido com apoio financeiro internacional (USAID) buscando metas de conservação e incremento da economia local. Vários habitantes locais receberam estímulo na criação e administração de negócios de apoio aos ecoturistas. Contando com 80.000 visitantes-ano em 1999, gera vários benefícios tangíveis para a comunidade, como a compra de produtos agrícolas pelos restaurantes da reserva, artesanatos locais, treinamento de guias aos professores locais e criação de empregos diretos e indiretos.

Guanacaste Conservation Area (GCA), Costa Rica

A Del Oro S.A., uma empresa local de plantação de laranjas, paga US\$ 5/ha-ano para a GCA pela proteção de uma área verde que é a fonte para a água da área plantada. Foi assinado um contrato de 20 anos totalizando US\$ 480.000 (US\$ 24.000/ano). A Del Oro também paga US\$ 1/ha-ano à GCA pelo fornecimento de serviços naturais de controle de pestes, totalizando outros US\$ 480.000 em 20 anos.

Community Baboon Sanctuary, Belize

Localizado a 53km da capital do país, o CBS surgiu em 1985. Naquele ano, 12 proprietários de terras estabeleceram uma cooperação para proteger uma espécie de macaco, separando uma parcela de suas terras florestais para os animais, inclusive com o cultivo de determinadas espécies de árvores frutíferas. Com apoio da WWF (*World Wildlife Forum*, organização internacional de referência em preservação ambiental), a idéia se propagou, atingindo 120 proprietários em 8 cidades, em uma área protegida total de 47 km². A visitação passou a ser permitida com ingresso a US\$ 2,50, havendo oferta de acomodações, comida e guias locais. O número de visitantes a este santuário subiu de 10 em 1985 para 6.000 em 1990.

Haliburton Forest and Wildlife Reserve, Canadá

Controlada por capital privado desde 1950, ocupa uma área de 20.000 ha. A reserva está localizada em uma área remota e entre suas atrações destacam-se um *habitat* natural de lobos selvagens, passeios no alto de montanhas, locais para pesca e *mountain biking*, dentre outras. O controle atual pertence a um comitê ecoturístico de uma universidade local e a reserva é considerada financeiramente auto-suficiente.

Monteverde Cloud Forest Reserve, Costa Rica

Reserva de capital privado, estabelecida em 1973, é um dos destinos ecoturísticos mais famosos do país, totalizando mais de 10.500 ha de reserva. Avaliações do Banco Mundial estimam que a reserva cobre suas despesas com as receitas geradas. Apresenta uma política responsável de monitoramento do ambiente, com controle da oferta de visitantes. Em relação às comunidades locais, várias medidas de integração foram tomadas, como sessões de capacitação técnica, empregos em cooperativas de arte, hotéis, restaurantes e serviços de guia. O papel do governo foi principalmente de fornecer infra-estrutura geral (comunicações, estradas, escolas, hospitais).

Annapurna Conservation Area, Nepal

A área de 7.683 km² é considerada extremamente diversa em termos geográficos e culturais, recebendo cerca de 50.000 *trekkers* por ano. O gerenciamento do parque é feito por uma eminente ONG nepalesa (King Mahendra), tendo sido realizados diversos esforços para envolver a outrora reticente população (mais de 100.000 habitantes locais) nas políticas de conservação ambiental e oferta de serviços aos visitantes, como casas de chá, pousadas e cooperativas de artesãos. O governo não provê fundos para o parque, que gera recursos autonomamente e implanta várias iniciativas como postos de saúde e campanhas de vacinação.

Anexo 2 – Exemplo de operadora de turismo atuando na Zona Selvagem de Moçambique

A agência **Drifters Tours** oferece diversos pacotes turísticos do tipo *overlanders* em veículo 4x4. Atualmente opera dois roteiros ligando a África do Sul a Moçambique sob o conceito Selva-Praia. Um dos roteiros chama-se *Transfrontier Adventure* e tem duração de 11 dias, percorrendo a rota assinalada no mapa 2.

Mapa 2 – Drifters Tours: Rota *Transfrontier Adventure*



Um roteiro mais longo, o *Mozambique Transfrontier* pode ser feito em 17 dias também partindo da África do Sul e via Kruger cruzando o Rio Limpopo, Banhine e Zinave rumo às praias de Vilanculos e Inhambane. Detalhes do trecho realizado em Moçambique estão no Quadro 1.

Quadro 1 - Drifters Tours: Parte da Rota *Mozambique Transfrontier*

DAY 4 - 5: MOZAMBIQUE TRANSFRONTIER PARK

This morning, after a visit to Crook's corner, the point marking the border between South Africa Mozambique and Zimbabwe and renowned as a hideout for poachers in the colonial days, we cross the border into Mozambique. At this point the road becomes a bush track, and we will follow the path of the Limpopo River toward Mapai before venturing into the heart of the wilderness. The area that we traverse over the next days is what forms the Mozambique side of the Transfrontier Peace Park and is privileged to have remained virtually unexplored by humans. The bush is exceptional, and offers areas of exquisite natural beauty and wildlife. The diversity of the flora ensures some of the finest birding in Africa. We will spend two nights camping wild, exploring both on foot and by vehicle, and enjoying the serenity of the wilderness. Road conditions are rough, and river crossings numerous, clients will be expected to assist in difficult sections, but for those seeking true adventure and unspoiled Africa, there are few areas that compare with this. **B L D**

DAY 6 - 7: BANHINE / ZINAVE

Leaving the Transfrontier Park, we make our way across the Limpopo River and into the heart of the Banhine / Zinave wilderness region where we will spend two nights wild bush camping. We will attempt to traverse some of the Zinave Park, once renowned for its abundant wildlife. Few people have visited these areas in the last two decades. **B L D**

Fonte:www.drifters.co.za